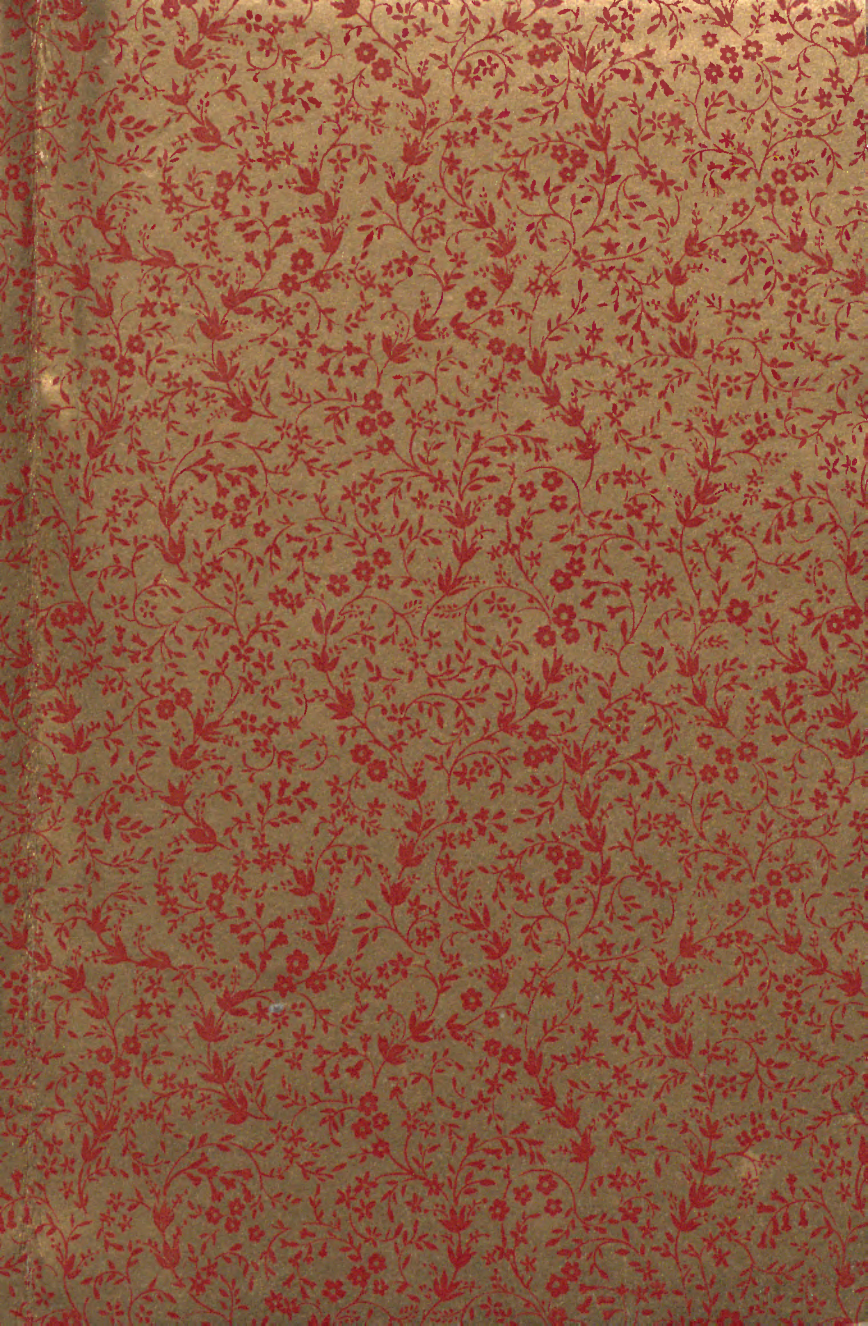


Araújo, t

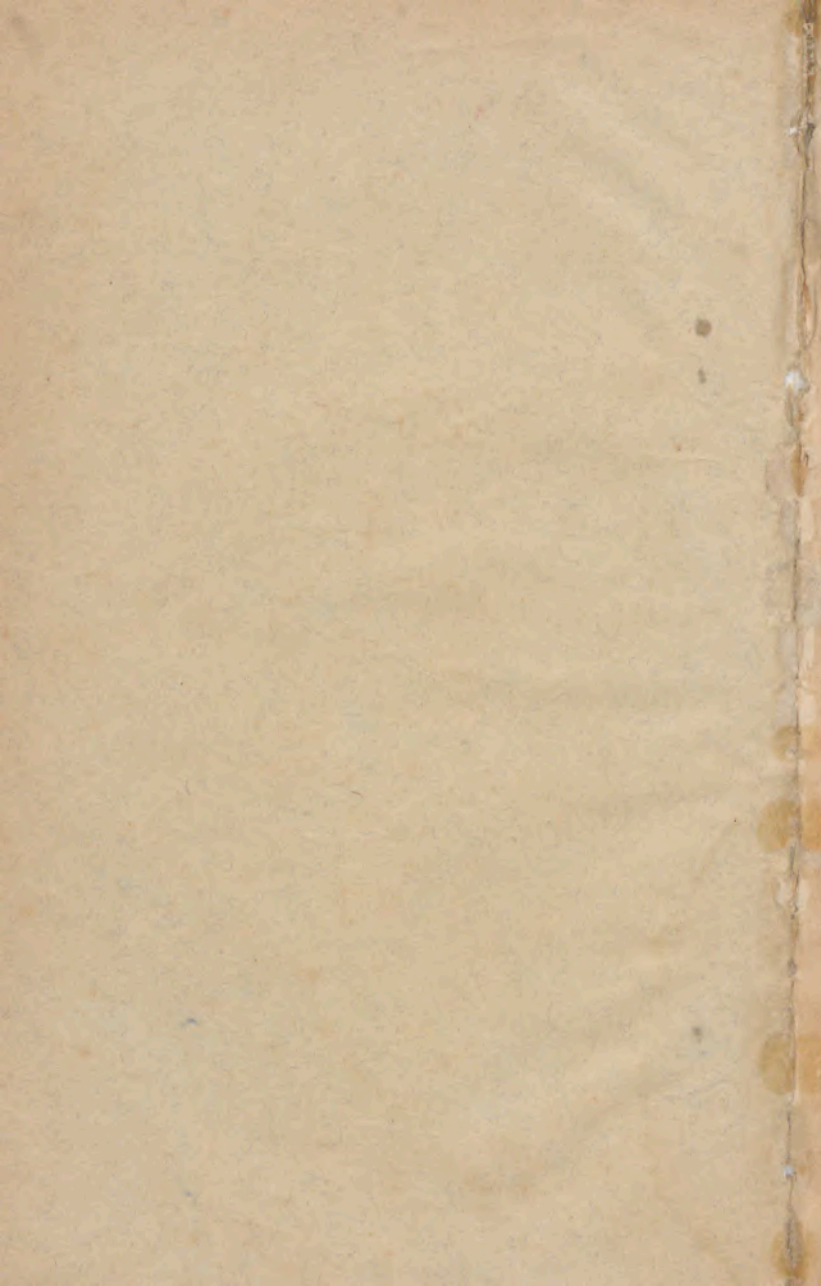






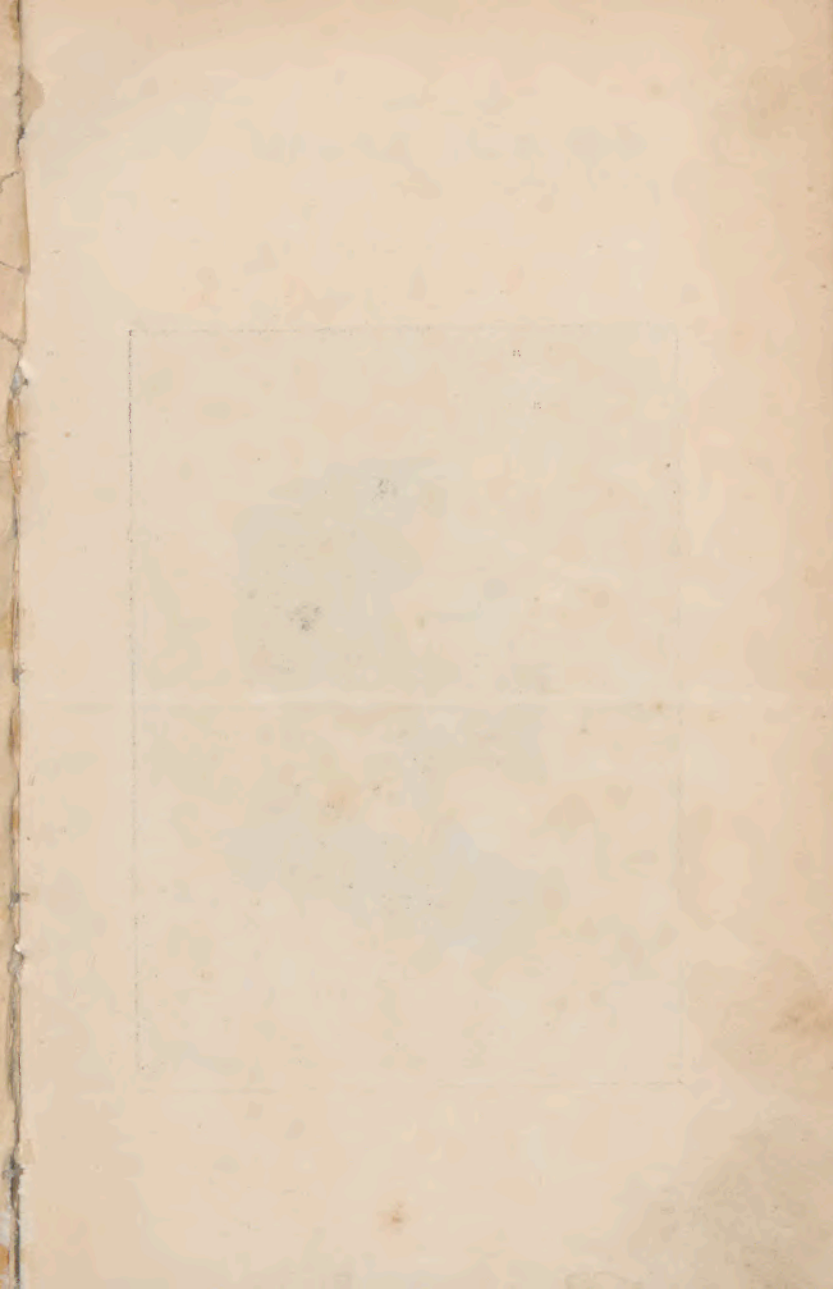
429





HAMILTON DE ARAUJO

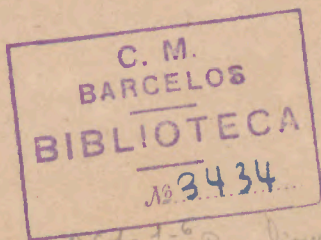






М. Я. Г. 1901 г.

Hamilton de Araujo



R.S. - 7-6

Barcelona
Perma-

CANÇÕES D'UM BOHEMIO



BARCELLOS

Typographia da «Aurora do Cavado»

Editor: - R. V.

1897

Tiragem apenas de 100 exemplares

20 em papel de linho

80 em papel commum

N.º

Quando no Porto se tratou, ha annos, de imprimir em livro as poesias de Hamilton de Araujo, ainda então vivo, mas já muito doente, sob o titulo que elle proprio lhe dera e que eu respeito n'esta edição—*Canções d'um bohemio*—sobre estas escreveu o sr. Agostinho de Oliveira na *Carteira do Viajante* onde grande parte d'essas poesias sahida, um longo artigo do qual extracto o seguinte que tenho por bem escripto e de todo o ponto apropriado a Hamilton, ao seu talento e á sua obra.

... «As—*Canções d'um bohemio*— bello livro de versos em publicação do distincto poeta H. d'Araujo, são uma completissima obra d'este periodo perfunctorio mas necessario. ^(a) Hamilton ri e chora, é triste como Millevoye de braço dado com Théophile Gautier e sardonico como Ch. Baudelaire supplementado por Jean Richepin, embora n'elle o Riso pareça dominar quasi só. Poderse-ha pensar que as suas bohemias, esplendidamente versificadas, nada tem que vêr com os destinos da Poesia de que elle é artistico cultor? Como, se n'este momento uma illiada una, convictissima, genial viria menos a proposito do que esse connubio assombroso de Riso e Choro, esse eixo maravilhoso que

(^a) «Periodo, dil-o ahi o sr. Agostinho d'Oliveira, «em que o Choro e o Riso se fundem n'uma copla wagnerianamente babelica de premetos crús, o em que a parte das lagrimas e o ouro diamantino estrellejam es ranhamente de mãos dadas.»

une dois polos oppostos chegando a confundil-os? Ha d'isto no Espaço: o relampago vê-se muita vez antes de se ouvir o trovão.

Hamilton escreve de feito com a intuição d'um lampejo e isto não o deprime. Ha peitos de marfim, que, como quaesquer peitos de bronze, aspiram todo o oxygenio do Mar e dos Mares, embora estes se chamem Homero ou Osian! A differença vae na explicação: póde ser menos titanica do que as expirações dos peitos bronzeos. Escusado é dizer que sobre este poeta tem chovido na sombra dentadas jacobeias. Disse até um lyrico (e isto exactamente por não ter lido nunca cousa alguma do creador da Gargantua e Pantagruel,) que o poeta das—*Canções d'um bohemio*—era só um imitador de Rabelais; e, ver-sejadores houve, d'esses que não querem encontrar o genio e a arte senão nos seus peitos syphiliticos como o seu

sangue e que, tendo regougado contra o Passado, não comprehendem que o Futuro tenha uma bagagem que não seja a da epocha d'elles, cucos do Presente, verzejadores houve, diziamos, que alcançaram sobre o dorso do levantado e talentoso Hamilton uma descommunal pilha de epithetos boçaes, desembastados das alturas alpinas dos seus tacões de cortiça, marcos milliarios do pedantismo indigena. Segundo elles, Hamilton é insusceptivel de progresso e correção, e os seus versos, para elles (puristas impeccaveis que apenas vomitam gallicismos de *boulevard*,) são meras puerilidades incorrectas e imitadoras. E afinal, (perdoai, ó *gloriosos* filhos de Taine!) é exactamente pela fórma notavelmente burilada que este esperançossissimo poeta se ha de impôr com superioridade incontestada á attenção dos *simples* leitores de Taine e Planche, a todos os sensatos e entendidos.

Tenho-lhe ouvido estrophes tão raramente artisticas que me lembram dulcissimas arias de Mozart, garganteadas pela insubmissa larynge de Verlaine ou Richepin. Ao ouvir-lhe brotar do seu constellado peito de bohemio aquellas erupções melodicas, recorda-nos muita vez uma *vitrine* de velludos e *crystaes* superiores gollando n'um *tlintlin* delicioso todas as suas preciosidades. Hamilton então é mais do que o relampago; é o relampago mergulhado n'um lago que, por sua vez, levanta as aguas avermelhadas por elle até á immensidão, cujas nuvens as sorvem, vomitando-as depois n'uma chuva de perolas rubras. Dizer, com referencia a elle, o Riso e o Choro é dizer Relampago e Lago. Agora aquelles que o accusam de pueril, esses mesmos o ataram á cauda de gloria d'um gordo conejo francez, chamaram-lhe emfim, como já dissemos, imitador de Rabelais!..; E' bastante. Uma larva

de estrellas presa ao rabo d'um cometa!
A récua sabe as Bemaventuranças!

Admirador do peregrino talento de Hámilton de Araujo, e dos opimos fructos em que este se desatou, apesar de tão curta lhe haver sido a existencia, apagada na manhã da vida, desde muito que tenho lidado para reunir todas as suas composições poeticas, dispersas por uns e outros jornaes, e para o conseguir não me hei poupado esforços e diligencias, batendo a tal fim á porta dos mais intimos amigos e mais acrisolados admiradores do mallogrado poeta. D'elles alguns corresponderam ao meu pedido, e forneceram-me tudo o que de producções suas haviam; outros não puderam com a brevidade desejada, por terem o tempo muito occupado, emprestar-me o que de Hamilton tinham, e alguns bouve que se não dignaram responder á minha rogativa.

Tudo o que pude colligir do infeliz

poeta vac reunido n'este volume, sem methodo nem ordem systematica, pois que se foram suas folhas imprimindo ao passo que ia obtendo original para ellas, e sem selecção das composições que n'elle entram, por que não ousei fazel-a, com receio de metter mão profana onde ella não devia entrar. Se outro valor não tiver, nas condições em que se apresent'a, do que servir de repositório do principal da obra—que completo por certo o não é—de Hamilton, já isso não será para desprezar, e ao mesmo tempo testemunhará, e com isso ficarei contente, a devoção e admiração que sempre tive por seu grande engenho, e a saudosa memoria que lhe voto.

Não devo nem quero deixar passar o ensejo que para isso aqui se me abre, sem agradecer cordeal e respeitosa-mente á exm.^a sr.^a D. Custodia Candida Pereira de Araujo, Mãe do poeta, a extremada bondade e delicadeza com que se

prestou a deixar-me tirar copia de todas as poesias que possuia de Hamilton e ainda de seus outros dous filhos Horacio de Araujo e Arthur de Araujo, (b) poetas tambem como aquelle, e como elle tão prematuramente roubados á gloria litteraria e ao extremoso amor de sua Mãe. Pobre seuhora!

Tambem aqui registo meu agradecimento ao sr. Augusto Gonçalves Dias, joven e devotado e auspicioso cultor das lettras patrias, pela muita boa vontade que poz em ajudar-me em meu commettimento.

Hamilton de Araujo era filho do sr. Joaquim Pinto de Araujo, já fallecido, sendo professor de ensino livre, no Porto, depois de ter sido director do colle-

(b) E' bem possivel que á éstampa tambem venha a dar as producções poeticas dos dous.

gio de N. Senhora dos Remedios em Lamego e da sr.^a D.Custodia Candida Pereira de Araujo, vivendo n'aquella cidade. Nasceu em 16 de março de 1868 na villa da Regoa, e falleceu na cidade do Porto em 8 de agosto de 1888, tendo o curso completo do Lyceu, com pouco mais de 20 annos. Foi sepultado no cemiterio d'Agramonte, não longe talvez de Guilherme Braga, na campa n.º 3:257, d'onde depois foi mudado para o n.º 3:684. Triste condão dos poetas portuenses que, quasi todos, fenecem bem cedo, em plena primavera da existencia!..

O finamento de Hamilton foi larga e profundamente lamentado, commemorando-o condignamente grande parte da imprensa periodica, acompanhando-o á sua derradeira morada grande concurso de poetas e prosadores, dos mais distinctos do Porto.

Em 1892 consagrou-lhe a *Carteira do Viajante* um n.º, o 3.º do 6.º anno,

em que—illustrado elle com um bom retrato de Hamilton—collaboraram gentilmente exaltando-lhe a memoria e os levantados meritos, além da redacção, os srs. Gomes Leal, Oliveira Alvarenga, Kean, D. Albertina Paraizo, Armando da Silva, Aureliano Cirne, Julio Brandão, Fernandes Reis, Alberto Bessa, Julio Stretch de Vasconcellos, Ortigão de Sampaio, Acacio Trigueiro, Joaquim de Araujo, Henrique Marinho, Heliodoro Salgado, Carlos Silva, A. Amaral, Guilherme G. Fernandes, Arthur de Araujo, Augusto de Mesquita, Eduardo Sequeira, Manoel d'Oliveira Ramos, Firmino Pereira, Sousa Rocha, Eduardo Lopes, Benjamin de Mesquita, Lima Bayard, Simas Machado, Antonio de Lemos, Guedes d'Oliveira, Joaquim de Lemos, Dionisio Ferreira dos Santos Silva.

Sobre o merito da obra do saudoso

poeta nada direi, nem ella precisa que
se diga. Falla por si.

Lisboa, 2 de março de 1899

Rodrigo Velloso.





QUADRA POSTHUMA

Não tem valor a prenda que te dou,
minha querida mãe !
—Guarda-a no seio teu, que me embalou,
Porque ella encerra o meu amor tambem !

CONFIDENCIA

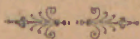
(A' exm.^a sr.^a D. Allertina Paraizo)

Ha dias, quando em cousas triviaes
fallamos, vi no teu olhar ardente
—olhar com que meu coração attrahes—
bailarem, branda e receosamente,
duas gottas de pranto virginaes.

E ouvi-te murmurar:—Ainda tão nova,
e só me tem acompanhado a dôr!...
Em breve, em breve descerei á cova,
se na minha alma soffredora o amor
a crença no porvir me não renova.»

Eu quiz-te responder:—«A ti se libra
meu coração que estranha força impelle
nas azas d'esse olhar que tanto vibra...
Não chores mais, gentil morena, que elle
tem um raio d'amor em cada fibra.»

Mas, ao olhar-te face a face como
para dizer-te o mystico segredo
com que eu as miuhas illusões perfumei,
sorriste desdenhosa... e tive medo
que se mudasse o meu amor em fumo.



O SARCASMO

(Ao Major Luiz de Quillinan)

Inglaterra! Inlaterra!—ardilosa nação,
A quem o mundo odia, entro da corrupção
Onde se ganha amor sómente ao vil dinheiro
E se aprende a sugar um paiz estrangeiro,
Onde só lavra a Fome—a vedeta da Morte—
Junta com a Miséria—«explendida» cohorte
Dos homens de ralé—enquanto os lords passam
—Altaneiros chacaes—por entre esses que enlaçam
No peito seu filho exangue, semi-nú,
Oheios d'um desespero immensuravel, crú!
Inlaterra! Inlaterra! Ia tambem em teu seio
Quem saiba deturpar o pundonor alheio!

.....
Quem me insultou a Patria!...—Um foi dos filhos teus
Que aqui vou castigar, en vos juro, Sandeus!

.....
Ó «Brigth!» «Brigth» animoso! orgulho da Inglaterra!
Bem mostras ser quem és:—valente que só berra
Em frente dos que crê não podem vingar-se
Eporante o «Leocarde» andam a' espolinhar-se!
Ainda! começa «Brigth!» nada tens a temer
E o mundo a, plauda o teu nobre proceder!
Ávante! Ávante! Ávante! ó «Nação Desprezível»
O pobre Portugal—este paiz risível,
Que vos vae dando sempre o que tem de melhor!
Bravo «Parlamentar!» proseguí com ardor!
«Bancarroteiros»—vá!—chamaes a quem vós outros
Torturastes sem dó, amarrastes aos póetros
D'uma vil alliança, a fim do lhe extorquir
As ricas possessões que estais a usufruir!
Talvez que um dia venha, em infame «demanda»
A pertencer-vos qual vos pertence hoje a Irlanda!

Mas julgav's, milord, que ficaria impune
Uma tamanha affronta?...

.....
Ha alguém que tambem pune
Uma offensa arrojada á tua Patria qu'rida...
Esse alguém—patriota anatero e denodado—
Ergueu a tua lava e quiz vingar a f'rida
Que tu, com um sorrir Satanico, malvado,
Abriste rancoroso em desvalida mãe!...
Tu, que fugias já a opinião do mundo,
Temeste d'elle então:—tinhas medo tambem
De pagar muito caro o teu sarcasmo fundo!...

.....
E's dignissimo filho—audaz deturpador!—
Da perfida Inglaterra, a quem eu tenho horror!
Parabens! parabens! bricoo Quillinan
Que vés hoje a teus pés uma nação int ira,
Saudando fervorosa e sem lisonja vã
Teus brics de patriota e tua alma altaneira;
Que vés cheia de ardor a geração moderna
—Almas toda de luz suave, infinda, terna—
Sorrir-se de prazer, orgulho, enthusiasmo,
Ao vér como vingaste um tão cruel sarcasmo,

Que vês tambem erguer-se, altivo e radiante,
O misero operario, alavanca possante,
Sustenta'lo feliz da vida das nações
E d'onde tem sahido os grandes corações!
Parabens! parabens! eu dou-t'os da penumbra
Onde mal chega o raio ardente que deslumbra!

Inglaterra! Inglaterra! inda has de ver um dia
Quebrar-se o teu orgulho inexplicavel, mau,
E abrir-se a teus pés enormissimo vau
Onde percerás!

—Chorarei d'alegria!



ULTIMO OLHAR

E na hora derradeira essa creança,
que eu tantas vezes abracei sorrindo,
lançava-me um olhar amargo, infindo,
n'um arranco febril de deses'prança.

De pallidez coberto o rosto lindo,
em desalinho a perfumada trança,
morreu, morreu, gazella afflicta e mansa.
O sol cortava a immensidade rindo.

Hoje, da vida d'este mar dolente,
se vergo à dôr, consoladoramente
fulge-me n'alma, estrella d'esperança,

o seu ultimo olhar amargo, infindo...
e fico-me a pensar n'essa creança,
que eu tantas vezes abracei sorrindo!



VOLUPIAS

De todo esse teu corpo enlanguescido e pallido,
Solta-se um fino arôma, ó minha predilecta !
Capaz de seduzir um santo anachoreta
E d'arrastar á lucta um pobre velho invalido !

Quando tu passas, a luz d'uma paixão secreta
Scintilla no meu rosto amarelento, esquálido.. !
—A cada olhar dos teus nasce um desejo cálido.
—De cada riso teu surge, cantando, um poeta !

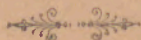
SONETO

De cantar o teu rosto em tons bombásticos
A minha alma ficou surpresa, extática,
Perdi orthographia e até grammatica,
Pensando só nos modos encomiásticos.

Affectos como os meus não são elasticos,
E tenho em namorar mui fina tatica;
A' muita theoria junto a pratica,
E sei d'esta arte mil systemas plasticos.

Uma vez me tornei quasi somambulo
Mandando-te uma epistola bucolica
Recheada d'amor sem mais preambulo.

Mas crêste, minha bella melancolica,
Que eu em pontos d'amor era um funambulo
E soffreste seis dias dores de colica.



AOS BRAVOS DO MINDELLO

Por toda a parte treva...Eis nova luz campeia,
Mostrando no brilhar da Liberdade o selo !..

.....

E eu saudando uma Ideia,
Saúdo-vos, tambem—ó bravos do Mindello !

O MEU EVANGELHO

Já não amo as febris e timidas donzellas
De labios de carmin e faces purpurinas,
De collo d'alabastro e formas pequeninas
E d'olhar cujo brilho eguala o das estrellas...

Já não creio tambem nos que vivem nas cellas
Prégando á multidão as mysticas doutrinas,
Milagres, concepções seraficas, divinas,
E fazem companhia ás freiras gentis, bellas...

E' que hoje em mim palpita um outro coração
Que despreza a mulher e odeia a religião,
Jesuitas e reis,—tudo o que é torpe e velho!...

Não amarei ninguém?—Eu amo só o Povo
E o que d'elle dimana e o que é Bello e Novo:
—Só a Revolução hoje é meu Evangelho!



ERA LOURA...

(No album de Eduardo d'Artayett)

Era loura. A pallidez,
Que lhe circumdava a fronte,
Iriava mais, talvez,
Do que o sol no horisonte.

Era loura. A sensitiva
Não tremia como ella,
Quando passava afflictiva,
Errante como uma estrella.

Era loura. Ticiano
Não pintou virgem assim...
Como me sentia ufano,
Se ella ria para mim !..

Era loura... muito loura...
Mais loura não creio haver...
Nem a espiga, que o sol doura,
Podia tão loura ser !

Mas um dia veio a morte,
Que a formosura desdoura.
E levou-a... a outro Norte...
Era loura... muito loura.



COMO EU VIVO

(A Gomes Leal)

Vivo alheio de todos e de tudo;
Mais calado que o Esquife, a Morte e as lousas,
Selvagem, solitario, inerte e mudo,
Passividade estúpida das cousas.

Gomes Leal

Procuro a solidão, e só no estudo
Encontro lenitivo ás minhas dôres,
Já não confio em languidos amores;
Vivo alheio de todos e de tudo.

O' tu, geração nova, que tudo ousas!
Ouve esta confissão, não me envergonho;
—Eu...sim!—não creio em Deus, ando tristonho,
Mais calado que o Esquife, a Morte e as lousas.

Sai-me às vezes do peito um som agudo,
Quando perpasso ao longe, qual revel,
Selvagem, solitario, inerte e mudo...

O' poeta que em louro a fronte pousas!
Vivo, como viveste, na cruel
Passividade estúpida das cousas!



FRAGMENTOS

Versos?—A minha lyra,
pois que me vou embratecendo, aos poucos,
só de tempos a tempos é que tira
uns breves sons iuspidos e roucos...

Das madrugadas frescas
à branda luz, suavissima, purpurea,
eu já não canto imagens romanescas,
nem sonho a Carne, em estos de luxuria...

As regias mãos e a bocca
da minha amada não as cubro mais,
como cubri, n'uma alegria louca,
de beijos mil, entre canções ideaes...

Sobre o meu labio fino,
talvez nunca mais pouse, em horas más,
como ironia contra o vil destino,
meu riso franco de bohemio audaz...

.....

E pelas noites cruas,
noites pesadas de nevoeiro denso,
busco estreitar as colarejas nuas
—cambaleante—n'um abraço immenso...

...O meu viver não é
tal como o vosso, ó almas melancolicas!
—Amo o tumulto alegre do café
e bebo o goso, em libações alcoholicas.

~~~~~



## ARTHURA

(A. A. D.)

Queria ter uma lyra ardente e crystallina  
Para poder cantar—O' fada vaporosa!—  
O teu olhar febril de luz diamantina,  
Teus labios de carmim — ó loura mariposa.

Queria mais ainda—uma fruta mimosa—  
Para cantar-te a face alegre e purpurina,  
Que eu encaro trememente—ó virgem maviosa!  
Como quem vae morrer, ubindo á guilhotina!..

Andei buscando, aqui... ali... por toda a parte,  
Nas minas d'ouro fino e nos segredos da arte,  
Rimas d'intenso fogo... e tudo foi baldado!

Embora... eu correrei as altas penedias,  
Como outr'ora Jesus, e as virgens serranias,  
Pr'a fazer-te um soneto esplendido, iriado!



## ARTHURA

(A. A. D.)

I I

Christo tambem já andou, errante, allucinado,  
Prégando ás multidões a mystica Utopia,  
E, quer ao pôr do sol, ao sol do meio dia,  
A todos exhortava...e nunca era cançado!

Só tinha por consolo o bem que elle fazia  
A' torpe prostituta, ao pobre, ao engeitado,  
Ao misero plebeu-docil como Maria...  
E teve a morte infame, ignobil do forçado!..

Hei-de amar-te tambem tanto como Jesus  
Amou a santa Ideia até expirar na cruz:  
—E hei-de amar-te sempre—ó meu unico amor !

Hei-de sempre adorar-te, embora venha a morte  
Ceifar-me as illusões, a minha crença forte:  
—Hei-de morrer pensando em ti—virginea, flôr !





## DEVANEIO

A Arthura

Quem me diria,  
Que eu algum dia  
Viria amar-te ?!  
Quando creria,  
Sem ironia,  
Minh'alma dar-te ?!

.....

Não me olharás,  
Não me dirás  
Te arfando o seio:  
«—Amar-me-hás?!  
Não deixarás  
De ser meu'steio?...»

E eu responder,  
Com mui praser,  
Todo inebriado  
Em teu gemer:  
«—D'onde beber  
Mais animado?!

D'onde amoroso  
Pranto nervoso  
Vêr, seductor,  
Brotar radioso,  
Sahir fervoroso,  
Com tanto amor?!

Onde offuscante  
Collo arrogante  
Como esse teu?!  
Beatriz d'um Dante,  
Bella e elegante.  
Assim no ceu!..»

Mas tudo é sonho  
Pois que tristonho  
Eu vivo assim...  
Se a crêr me ponho,  
Que ardor medonho  
Eu sinto em mim!..



## THEREZA

(Fragmento)

Honesta! — exclamam se de ti se falla...  
Honesta! — quando me interrogam, digo...  
(Não vêdes, como o seu olhar amigo  
Só ás almas dos simples avassalla?)

Sim, honesta e gentil. Meu peito cala  
Todas as loiras illusões, consigo...  
Só de contar-te a lucta em que profligo,  
A tua alvura temo maculal-a!

## O CHAMPAGNE

Este *Champagne* espumante,  
vertido em limpidas taças,  
e que serve de calmante  
para as consciencias baças,

Faz-me sonhar, alta noite,  
n'um phrenetico estertor,  
—mais frio do que um açoite !  
—mais agudo que uma dôr !

Vejo então a minha amada  
repellir-me com desdem,  
e apontar-me tambem  
A porta do amor fechada!

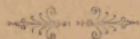
E depois...depois eu choro,  
n'um soluçar delirante...

Mas inda assim eu adoro  
este *Champagne* espumante.



NO ALBUM D'UMA SENHORA

Se acaso o olhar traduz o que nos vae na alma  
do vosso olhar, senhora, a luz serena e calma  
immensa, indefinida,  
denota que em vós ha as radiações sublimes  
que fazem da mulher o latego dos crimes  
e o archanjo da vida!





## FEITO DA LUZ DAS ESTRELLAS

(a João Saraiva)

Loira mulher que me inspiras  
umas canções amorosas,  
tens na voz ignotas lyras  
a suspirar caprichosas;

é o teu collo aprimorado,  
—ó irmã das philomenas!—  
è como um circulo iriado  
*feito da luz das estrellas!*

## ANDORINHA

E' tão alto o teu abrigo  
Tão longe das vistas minhas,  
Que eu fico a pensar contigo  
Se és irmã das andorinhas!

De manhã ao teu postigo  
Voam sempre as avesinhas,  
Dar te os bons dias; e eu digo  
Que és irmã das andorinhas !

Eu, para te ver melhor  
Para acalmar esta dôr,  
Já comprei novas lunetas.

Mas foges ás vistas minhas,  
O' irmã das andorinhas!  
—Inimiga dos poetas!



DISTICO

*(Na cabeceira d'um leito)*

Hei-de fazer, qualquer dia,  
Com este amor que me inflamma,  
Uma escada luminosa  
Por onde subas à cama!





## CREANCAS

Adoro-vos, ó creancinhas!  
dos sorrisos de Jesus  
e beijos das andorinhas  
é que viestes á luz!

Vossos cabellos tingidos  
foram—quem sabe?...—ao clarão  
dos astros da vastidão,  
todos, n'um só, reunidos!

Saltitam as esperanças  
nos vossos olhares suaves...  
como sois bellas, creanças!  
—ó gentilissimas aves!

Nas vossas fallas sinceras  
e doces, como harmonias,  
há risos de primaveras  
e cantos de cotovias!

Quando vos vejo a brincar,  
eu scismo, que essa innocencia  
há-de mais tarde expirar  
no ventre enorme da sciencia!

Adoro-vos, ó creancinhas!  
dos sorrisos de Jesus  
e beijos das andorinhas  
é que viestes á luz!



## A VISINHA

(A João Saraiva)

### I

A loira costureira  
passa as noites e os dias  
na misera trapeira,  
—longe das alegrias...

Às vezes fico absorto  
a scismar na visinha,  
e n'aquelle pobre horto  
que habita essa andorinha...

Quanto ella tem soffrido !  
que profundos martyrios !...  
—E já perdeu os lyrios  
do rosto enlanguescido !...

II

Ai ! chora tanto e tanto  
com tão fundo desgosto,  
que se lava com pranto  
às horas do sol posto !...

Ai ! chora muito !... enquanto  
as mais riem com gosto...  
—Até me causa espanto  
o seu livido rosto !...

E não haver um só  
de tantos corações,  
a quem inspires dó !...

que se abra em radiações  
para esconder teu pranto,  
—lirio pendido e santo !



## PARA AS CRIANÇAS

Eil-os, os pequeninos seres,  
Sem abrigo, sem pão . . . Dôces mulheres,  
Romanticas visões,  
De cabelo em aneis, loiro e disperso,  
Cantae-lhes, ao deitar, dae-lhes um berço,  
Nos vossos corações! . . .

O pae, sentindo a alma, entre os egoismos,  
Sumir-se, como o sol pelos abysmos  
Do oceano muito além,  
Cahiu, exausto, n'um delirio atroz . . .  
E disse á Vida:—Eu te desprezo algoz!  
E disse á Morte:—Vem!

As pallidas creanças, na agonia,  
Cruzam as mãos, enquanto a fome espia  
E a tempestade chora . . .  
Meu Deus ! meu Deus ! Como a desgraça é crua,  
Para que dêste lagrimas á lua !  
Laivos de sangue á aurora ?

Como na scena do Calvario,—a mãe,  
Os pés chagados, roja-se tambem  
Por escabrosos trilhos . . .  
Alae-vos, pombas de setineo peito !  
Formae das azas um docel de leite !  
—Ide abrigar-lhe os filhos !



## NA DESPEDIDA

Momento de partir, dado o signal,  
Arfa o comboio. Eu, sobre a plataforma,  
Inda adivinho, ao longe, a tua fôrma  
E o teu lenço acenando ao meu rival...

Mas não tenho ciumes, nunca os tive...  
Se mais amada e pretendida fôres,  
Menos eu temo que nos meus amores  
Da minima parcella alguém me prive...

Porque roçarás tanto as azas frágeis  
No charco das paixões, que, emfim, liberta,  
Has-de volver-me a tua vista incerta,  
Has-de abrigar então meus sonhos ágeis . . .

Eu não cubiço a tua formosura  
Nem as curvas airosas do teu seio:  
Amo-te honesta; sonho-te no meio  
De nossos filhos, alma ingenua e pura !

Os outros julgam-te diversamente.  
Querem sentir-te o flácido contacto,  
Querem gosar-te, ás noites, como um prato  
Appetitoso, saboroso, quente.

Dias que passem, nevoentos, mestos,  
Has-de contal-os,—como quem desfia  
As contas d'um rosario, na agonia...  
—Se o goso não se fez para os honestos !

Espero pois, que voltes, dôce escrava  
Da aventureira gloria, e que me dês  
A tua alma gentil—como tu és,  
E branca—como o lenço que acenava ! . . .



III

Talvez que morra cedo  
—branca flôr da miseria—  
levando o seu segredo  
para a mansão funerea!...



## MADRIGAL

(A Augusto de Mesquita)

Quando Elisea, involta em nimbos de tristeza,  
Passeia mansamente ao longo da deveza,  
O rouxinol redobra o cantico mavioso  
Como para render-lhe um preito respeitoso;  
E o sol—esse diamante enorme que se engasta  
Na immensidão azul—vendo-a passar tão casta  
Diz:—se a doce attracção que o seu cabello encerra  
Me ; crencesse acaso, eras já minha—ó Terra !

## PRIMEIRO BEIJO

N'aquella noite serena  
Em que, pela vez primeira,  
Uniste a bocca pequena  
A' minha, ó ave altaneira !

Quando no ar perpassaram  
As vibrações d'este beijo,  
As estrellas oscillaram  
Segredando-se um desejo !

A...

(A Telmo Larcher)

Doces olhares,  
Sorrisos doces,  
Se m'os lançares,

— Como se fosses  
Um anjo ou fada, —  
Talvez adoces

A amargurada  
Vida que eu passo  
Ai! tão pezada,



Que, de cançasso,  
Tropeço e caio,  
A cada passo . . .

Mas, quando um raio  
Só—d'esse olhar  
Do atroz desmaio

Vem-me acórdar . . .  
—Desfaz-se a nevoa !  
Rompe o luar !

Minh'alma levo-a  
De ceus em ceus . . .  
A luz, eu devo-a,

Devo-a, meu Deus !  
Aos teus olhares,  
Sorrisos teus,

Se m'esta neçares,  
Cheia de graça,  
Quando passares:

—Ave que passa,  
Cortando os ares,  
Cheia de graça !

## LOLA

(A João Sáraiva)

Tenho saudades da Lola  
—astro de brilho fatal,  
a quem eu pedia a esmola  
d'um raio d'amor sensual ! . . .

Ô collo sempre lhe arfava . . .  
Era um vulcão de desejos . . .  
um vulcão que vomitava  
nuvens espessas de beijos ! . . .

Um poema?...—E' o teu cabello solto  
—manto subtil em casto amor envolto...

Um poema?...—E' o teu andar airoso  
que eu sigo sempre, meu amor, ancioso...

Um poema?...—E' o fluido incognoscido  
que traz ao teu meu coração unido...

Um poema?...—Devia ser um beijo  
dado por ti n'um amoroso adejo!



## MORS LETA

Vem, ó Morte gentil, rameira desgrenhada!  
O teu rosto abatido, enche-o de pó d'arroz...  
Faze por encobrir esse teu ar de algoz  
E arrasta-me na tua esteira ensanguentada!

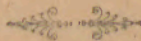
Ah! deixa-me beijar-te a espadua assetinada  
Embala-me cantando. Ao som da tua voz,  
N'uma volupia estranha, hei-de tactear, a sós,  
Teu corpo airoso e nú, ó doida! ó bem amada!



Seus olhos... não sei o que eram  
seus negros olhos luzentes:  
talvez os antros que geram  
as lepras concupiscentes !...

E quando morria o sol,  
eu envolvia os anhelos  
no caprichoso lençol  
dos seus compridos cabellos !...

Porisso hoje, a final,  
se acaso não tenho a esmola  
d'um raio d'amor sensual,  
Tenho saudades de Lola !...



## QUADRAS NOVAS

Mal imaginas tu  
que a luz dos olhos teus, como um afago,  
enche minh'alma como um desejo vago.  
Mal imaginas tu.

Envolto n'esse olhar.  
eu queria banhar-me nas delicias  
d'umas brandas e tepidas caricias...  
envolto n'esse olhar.

E este desejo enorme,  
ô minha amada ! esse desejo immenso  
nunca me larga e a toda a hora penso  
n'este desejo enorme !

Por mais vezes que a siga,  
por mais que eu corra atraz d'essa creança,  
nunca pude beijar-lhe a negra trança,  
por mais vezes que a siga.

Foge-me sempre, sempre,  
foge-me assim como um cruel phantasma ;  
essa mulher que ao vel-a a gente pasma,  
foge-me sempre, sempre.

Tenho n'alma um inferno.  
tenho o meu coração em chaga viva,  
porque ella é tão bella e tão esquiva,  
Tenho n'alma um inferno.



## MADRIGAL ETERNO

(A Manoel Freitas)

Um poema ?...—E' a luz dos olhos teus,  
quando se funde com a luz dos meus...

Um poema ?...—E' o teu sorriso brando  
que noite e dia faz-me andar sonhando...



Quero vinho... (Afinal esquecerei o amor,  
Amigos, paes e irmãos!) Se eu me sentir peor,  
Não me dês chá de tilia ou de lorangeira.

Vê tu como sorri alegremente a aurora....  
—Vem partilhar comigo a extrema bebedeira!  
Vem! Rolemos os dois por essas ruas fora!



## HENRIQUETA

(A Carlos Sepol)

Não por que sejas bella. Muito menos,  
Por que sejas amante piedosa,  
Nem por que eu tenha a esmola carinhosa  
D'um olhar terno, como os que a noiva dê-nos...

Não porque eu ganhe um teu sorriso: e tem'nos  
De tão viva expressão deliciosa  
Teus labios perfumados, como a rosa,  
E' como o poente, rubros e serenos!...

Não porque seja escravo teu... Mas, se amo-te  
E souho-te na flôr, no espaço chamo-te  
Por entre os astros, ouço-te nos ninhos,

E, nuvem, sigo-te... é porque desprezas  
Taaanho affecto, ó cheia de bellezas!  
Rica d'orgulho! pobre de carinhos!



## DESPERTANDO

Olha-me assim... Ao despertar é doce  
Sentir a luz amiga d'um olhar  
Que nos sorria e aqueça, ao despertar,  
Como aza d'anjo que em noss'alma roce.

Olha-me assim... Que eu n'esse olhar tradusa  
Como n'um ceu azul, todo o poema  
Da irresistivel atração suprema  
Que prende-me ao teu gesto d'andaluza.

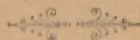


Olha-me assim... Mal sabes como fico  
Suspenso em teu olhar con-olador,  
Na suave illusão do nosso amor,  
Rico d'encantos, de caricias rico.

Olha-me assim... Que o teu olhar me falle  
Dos sonhos que sonhaste a noite finda  
Entre mil beijos... Dá que eu sorva ainda  
O aroma que da bocca se te exhale!...

Sofrega, aspira o linho dos lençoes  
E olha-me assim, cariciosamente...  
N'este ninho, em que arrulhas, brando e quente  
O amor descanta como os rouxinões.

Repoisa no meu peito, enquanto a aurora  
Manda até nós o seu primeiro raio...  
Olha-me assim; em langido desmaio  
O teu olhar, a um tempo, exulta e chora...



## NOITES DE SPLEEN

Tenho noites tambem em que padego d'isto,  
D'esta doenca ingleza!  
Nem sequer me distrae até o *nunca visto!*  
A Noiva—natureza

E' como que fosse um sobretudo roto,  
Já podre, a desfazer-se,  
• Que se atira de noite a algum cano de esgoto  
Onde vae dissolver-se!...

E' uma doença atroz, incomprehensivel mesmo;  
Doença abominada!  
Eu, que gosto de enviar, n'umas canções a esão,  
Beijos á minha amada,

N'estas noites então abomino o lyrismo,  
—João de Deus e Feijó!...  
Quero Guerra Junqueiro—ondas de realismo,  
E Gomes Leal, só!...

Adormeço a final, assim como um devasso,  
—Barriga para o ar...  
E em sonhos, subtilmente eu julgo ver no espaço  
Junto a mim perpassar,

Esplendorosos como os risos da manhã,  
E as taças de crystal,  
A sublime *Légende*, enfim *les Quatre vents*  
*E les Orientales!*



## LIRA D'UM SENTIMENTAL

(T...)

### I

A phantasia deixo voar!—Minha alma  
    Fez-se ave agora; corta  
Do ceu azul a transparencia calma  
E vae poisar, cantando, à tua porta ..

Tremulos ais a pobresita arranca  
    Do peito... Eis se avisinha  
Mais uma ave, immaculada e branca:  
—Era a tua alma procurando a minha!



II

O teu sorriso é dôce,  
Como não há talvez maduro pômo  
Tão dôce, ou como  
Aza de beijo que em teus labios roce...

Sorris:—a mente sonha  
Gosar venturas mil, gratas e bellas,  
N'uma risonha  
Habitação modesta, entre as estrellas...

---

E, quando enfim ouvissemos soar,  
Como um termo aos momentos abençoados,  
A extrema hora,  
—Iriamos, sósinhos, a enterrar,  
Sob o manto do sol amortalhados,  
Espaço fóra!



## PRIMEIRA ENTREVISTA

Fallei-lhe enfim hontem á noite, quando  
Nos encontramos no jardim, a sós...  
Que olhar, o seu olhar dulcido e brando!  
Que voz, a sua harmoniosa voz!

Louço de goso, em casta adoração,  
Singularmente, sem impertinencias,  
Fui-me atrevendo a abrir-lhe o coração,  
Fui-lhe fazendo as minhas confidencias.

Lem'brei-lhe o nosso encontro, a vez primeira  
Manhã cedo, caminho do collegio. . .

Ai! cederia a minha vida inteira  
Só por beijar-lhe o branco rosto egregio !

E lembrei-lhe tambem como eu passára  
Uma existencia de incerteza e dôr;  
Como d'um riso seu desabrochára,  
A' luz, ao sol, este primeiro amor.

Contei-lhe os sonhos em que vivi, descendo  
Sobre o meu peito, a derramar-me n'alma  
Toda a esperanza de que estou vivendo,  
Eterno anseio que jámais se acalma. . .

Contei-lhe que eu, burguez pacato e sério  
Deixei a lyra das antigas trovas. . .  
Mas, d'este amor sob o fatal imperio,  
Mandei-lhe pôr algumas cordas novas ! . . .

E ao terminar disse-lhe em tom choroso,  
Como nas vascas d'um supplicio ingente:  
—Dá-me o teu virgem coração formoso,  
Ou morrerei inevitavelmente ! . . .

Ella, depois d'esta expansão platonica,  
Volveu-me em cheio os olhos tentadores,  
E interrogou, n'uma risada ironica:  
*Quando é que um poeta ha-de morrer d'amores?*

## VERSOS D'UM DECADENTE

HONTEM E HOJE

(A Fernando Leal)

Essa mulher fatal, cujos sorrisos castos  
Parecem modelar um coração d'arminho,  
Que, tendo-me a seus pés, sempre a seus pés, de rastos,  
Afiml concedeu-me um pouco de carinho;

Cancada de gosar uma existencia farta  
D'adulações boças em prosa d'encomenda,  
Resolveu-se a mandar-me um *Album* e uma carta  
Pedindo que lhe desse uns versos como prenda.



Eu, que embalava n'alma o meu affecto santo,  
Como a mãe, a cantar, embala o berço estreito,  
Eu desejei então que ella soubesse quanto  
Amor é que encerrava o cofre do meu peito...

Embebendo-me todo em loucas esperanças,  
—Como um proscripto que regressa á patria e olha  
Em torno, a recordar tristissimas lembranças,  
D'esse *Album* escrevi na derradeira folha:

«Eu fui-me debruçar, anciosamente, um dia,  
Das minhas illusões singellas no terrasso  
Á hora em que o sol cae na arena extensa e fria  
Do mar, como um heroe prostrado de cansaço.

«Deixei min'alma erguer-se nos paramos risonhos,  
Onde germina a flor dos tempos infantis...  
De novo recordei os meus primeiros sonhos,  
—Telas de viva côr,—n'um deslizar feliz.

«Das crenças ideaes, que temos dentro em nós,  
Construi no pensamento a cathedral radiante  
E dei á phantasia as azas do albatroz  
Para cortar o azul n'um alto vôo ovante !

«E logo espaço fóra, em trajectorias largas,  
Suspendendo-se altiva e firme, atravessou  
Do soffrimento humano as solidões amargas,  
E com o pranto seu os astros orvalhou !

«Alastrava-se em baixo o vicio estulto—como  
Grande chaga cruel, mortifera, purpurea...  
Viu os párias sem pão a caminhar sem rumo  
E a miseria estendendo os braços á luxuria!

«Sósinha e errante, como a sombra do Ashavero,  
Viu do bem e do mal o tenebroso mixto,  
E lobrigou ainda, ao longe, a um canto, Nero,  
D'embuscada no escuro, assassinando Christo!

«Emfim, páirando já da devida no abysmo,  
Ella encontrou, talvez ao terminar a viagem,  
Os teus olhos gentis de doce magnetismo...  
—E acreditei no amor á luz da tua imagem!»

\*

Hoje nego e regeito os versos meus, que fiz,  
Quando lhe dedicava um santo affecto puro,  
É, uma a uma, tambem, ironico, desfiz  
As creanças que o passado ergaia ao meu futuro...

Ó creanças que eu julguei a ponte que une a treva  
Profunda á eterna luz, o inferno ao paraizo,  
Enganei-me!...—vós sois o atalho que nos leva  
Dos desertos do choro aos alcantis do riso!



## ESBOCETO

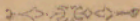
(A Oliveira Macedo)

...ureo cabello anelado  
Ornava-lhe a fronte pura,  
—Como o fino rendilhado  
D'uma rica sepultura.

O seu corpo cinzelado,  
A sua esbelta cintura,  
Causava um mystico agrado...  
A! oravel creatura!

As suas faces tão bellas  
Foram decerto pintadas  
Co'as mais finas aguarellas;

E em seus seios abundantes  
Havia adagas—voltadas  
Para o peito dos amantes !





## TUDO O PRANTO

Humedeceram-se-me os olhos, quando  
Ella esquivando-se aos affagos meus,  
Disse:—«Na vida fui amada, amando.  
Recorda sempre o nosso amor. Adeus!...

Tenho passado uma existencia larga  
Pisando cardos e semeando abrolhos,  
E nunca mais, como n'essa hora amarga,  
Senti humedecerem-se-me os olhos.

MADRIGAL RISONHO

Passas e o leque agitas,  
—O pequenino leque transparente . . .  
    A gente  
Figura-te de trêmulas azitas,  
    Visão singela e pura,  
E, n'um sorriso, a modos que não peque,  
    Murmura:  
    —Pomba de leque !..

## CARTA A UM AMIGO

Se a tua voz meu coração exhorta  
para sahir d'este cruel marasmo,  
um doce olhar (e o pensamento traz-m'o  
sempre á memoria!) o peito meu recorta...

Dizes: «O amor d'uma mulher que importa?...  
de ver-te assim, continuamente, pasmo!...  
—Deixa nas azas frias d'um sarcasmo  
esvoaçar uma esperança morta...»

Mas, se em verdade é teu desejo, amigo,  
que eu risque de minh'alma as brandas horas,  
em que sonhei um delicioso abrigo,

dá-me d'ahi um largo veu que encubra  
o feixe penetrante das auroras  
d'aquelle olhar—uma panoplia rubra !





## A UMA ACTRIZ

E's uma creança... Apenas appareces,  
Junto ao proscenio, timida, modesta,  
Murmuro sempre as mais ferventes preces:

—Não te persiga a tentação funesta  
D'um desejo que pode asphyxiar-te  
Na chamma vil que as nossas almas cresta!...

Não vergues nunca a um fementido amor !

E, quando alguém pretenda deslumbrar-te  
Foge d'esse clarão enganador . . .

—Fixa uma luz sómente,—a luz da Arte !



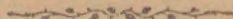
## MAGDALENA

«Ah! ter eu sido a cortezã!—dizia  
Ao Christo a Magdalena soluçante...  
Ah! ter eu sido a lubrica bacchante,  
A rainha gentil de tanta orgia!

Ah! não ter eu adivinhado, um dia,  
Esse teu coração, formoso e amante!  
Nunca o meu corpo, branco e luxuriante,  
Em mil festins, impudica exporia!»

Depois ficava olhando o Christo pallido . . .  
Um finissimo aroma estranho e calido,  
Como um sonho d'amor, d'ella irradiava . . .

Vinha passando um rustico noivado . . .  
E o Christo, ancioso, em lagrimas banhado:  
—Ter ella sido a cortezã !—pensava . . .

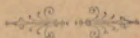




## ARISTOCRATA

A ti, bella, que tens  
A magestade e aprumo das duquezas,  
Que me acabrunhas com os teus desdens  
E as tuas asperezas;  
A ti, que às noites, no theatro lyrico,  
—Lado direito, friza,—um melancolico  
Sorriso formulando, me pareces  
Uma santa, de cujo panegyrico  
Li alguns trechos n'um jornal catholico;

A ti, por quem eu faço ardentes preces  
E phantasio originaes desejos,  
Que, rispida, umas vezes appareces,  
Outras lançando-me, idealmente, beijos;  
    A ti, ó flor serena,  
Extravagante flôr aristocrata,  
    Causa da minha pena  
E d'este amor que me estonteia e mata;  
    A ti, cujo pescoço,  
D'entre as mais finas rendas transparente,  
    Emerge,—altivo e mago,  
Como uma garça, em intimo alvoroço,  
    Batendo as azas quentes  
Sobre o crystal purissimo d'um lago;  
A ti, ó meu tormento e meu affago  
—Mando essa escova de limpar os dentes!



## A MUSA EM PASSEIO

(Fragmentos)

O sol splende. São horas...  
Musa aprompta-te depressa;  
ensaia as tuas sonoras  
gargalhadas, de travêssa...

A Tolentino dá o braço,  
Rabelais que siga á frente...  
temos que andar muito espaço  
e eu quero vêr-te contente...

Olha um paçudo burguez  
que rola sobre a lama...  
—Chumba-lhe agora nos pés  
a argola d'um epigramma...

Volve ao longe a tua vista,  
e lança com ar brejeiro,  
uma risada trocista  
às barbas do conselheiro...

Ao fundo da rua assôma  
a condessinha gentil,  
que derrama, em torno, o aroma  
das manhãs frescas d'abril...

Quando ella chegue e te peça,  
uns versos sentimentaes,  
dize de novo á condessa  
que esgotaste os madrigaes...

.....

Reparte as tuas balladas  
pelas creanças ingenuas,  
que dormitam, socegadas,  
ao collo das mães estenuas...



As camponezas... oh ! essas  
merecem tambem uns versos,  
quando arremessam, travêssas,  
ao ar, uns cantos dispersos...

Que o lavrador riço, lesto,  
d'alma doce e melancolica,  
leve, escondida n'um cesto,  
às costas, uma bucolica...

.....

Já basta de passeiar,  
minha Musa alegre e honesta...  
—Voltemos para jantar,  
depois durmamos a sésta...



## NOVO IDEAL

Cae d'esse pedestal a que eu te ergui, mulher.  
Já basta d'ideal emmagrecido e triste.

**Carne**, sómente carne, é o que a materia quer.  
Cancei-me de te amar, cancei-me de soffrer...

—Eolha nem sempre a musa às tentações resiste.

## FRAGMENTO

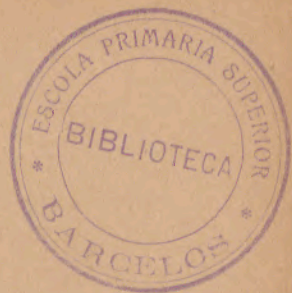
..... Acaso ainda vos lembraes,  
Meus companheiros bons, esplendidos, leaes,  
Que eu não abraço vae quasi para seis annos,  
D'essa triste mulher, cheia de desenganos,  
D'essa triste mulher, cheia de magua e dôr,  
Que, vergando da sorte aos golpes deshumanos,  
Cedo se amortallou no seu primeiro amor ?

Sempre-me olhaste indifferentemente...  
mas hontem, meu amor,  
veio embalar-me o mystico fulgor  
do teu olhar angelico e clemente...

—Dissiparam-se as minhas agonias,  
ó dia dos meus dias!







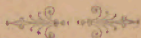
## PHANTASIA

Como eu adoro a minha *miss* loira,  
a minha *miss*, pallida, que tem  
o vago ideal d'uma princeza moira !...

Como eu a adoro !... Se ella acaso vem  
passeiar no salgueiral, pela tardinha,  
meu coração d'amor pulsa tambem . . .

E desejava vêr collada á minha,  
a sua bocca doce e virginal,  
e leve, como um vôo d'andorinha . . .

—Depois... morrer n'um frémto sensual,



ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

(ao dr. Vasques de Mesquita)

Lá fóra, enquanto edificaes o templo,  
Que ha de ficar erguido como exemplo  
    A's novas gerações,  
Em côro, os padres lançam sobre vós,  
N'um desespero tragico, feroz,  
    Largas excommunições!...

Mas—sublime contraste ! em torno, ouvis  
A infancia rindo, n'esse rir feliz  
    De lucidos harpejos,  
Depois de ter unguido entre alegrias,  
Como um bando gentil de cotovias,  
    As vossas mãos de beijos !





NO ANNIVERSARIO D'UMA SENHORA

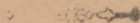
(Versos posthumos)

Musa festiva !... O riso abandonou-a . . .  
Quando enfermei, ella enfermou tambem...

Mas pobre, enferma, a fraquejar, á tôa,  
Inda assim mesmo á tua festa vem . . .

—Venturas chovam sobre ti que és boa !...

—Rojem-se os filhos a adorar-te mãe !...



Magra como as rainhas do passado  
Que um sol lascivo de volupias doira,  
Na estranha luz do seu olhar iriado  
Ha o vago ideal d'uma princeza noiva !

## BRINDE EXTRANHO

(Fragmentos)

Eramos dezesseis em torno á vasta meza...  
Falavamos alguns no amor sentimental,  
Outros, nas cortezãs soberbas de belleza  
Que nos mergulhavam n'uma embriaguez sensual...

.....



Emquanto os mais saciando a abrazadora sêde,  
Bebiam, a fazer caretas estramboticas,  
Eu, concentrado e só, riscava na parede  
Figuras sem sentido em posições eroticas.

Ia brindar-se emfim. Um bom seminarista  
De bocca luxuriosa, a transbordar desejos,  
Acostumado a erguer aos céos a larga vista  
Arremessou um brinde á carne, ao vinho e aos beijos!

Depois um poeta moço, um lyrico fagueiro,  
Que desdenhosamente olha para as burguezas  
É ainda espera ser ministro ou conselheiro,  
Uns versos dedicou ás pallidas duquezas!

Como um côro infernal de notas flamejantes,  
No insano turbilhão d'esse festim indomito  
Cada qual proclamava as lubricas amantes  
Na grande apothéose estúpida do vomito!

Chegou a minha vez. Eu levantei-me rindo  
Desses que via allí estrebuchando e cujos  
Pensamentos bestiaes me allucinavam: «Brindo  
«Á visinha gentil que usa tamancos sujos!

«Eu brindo á minha amada, ao meu ideal das ruas  
«Que móra ao pé de mim n'uma casita pobre...  
—Ao vento e á chuva traz sempre as espaduas nuas,  
«Oolhar das multidões é o manto que lh'as cobre !.

«Eu brindo a essa visão, loira visão tranquilla,  
«Que véla o meu sonhar, e o meu soffrer acalma..  
—«Não tendo que vestir, ha-le este amor vestil-a,  
—«Não tendo onde morar, ha-de morar n'esta alma !..

.....



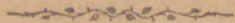
À EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. ALICE MODERNO

(Depo'is de ler alguns dos seus versos)

Dos seus versos, senhora, uns versos tropicaes,  
Cheios de juvenil enthusiasmo franco,  
Saheo continuamente aromas virginaes,  
Que me fazem sonhar nas virgens celestiaes,  
Veladas por um véu feito de tulle branco,  
Mostrando-se ao luar das noites tropicaes !...

Une-se o estralejar das arvores selvagens  
Nesses versos, que são d'uma indolencia vaga,  
Aos soluços febris que lembram as imagens  
Dos monges, arrastando os corpos pelas lagens  
Dos mosteiros aonde a luz do sol naufraga,  
—Sequiosós de amor, como animaes selvagens !

Não sei quem é... Mas dou-lhe estas canções vermelhas,  
Quentes, meridionaes, cortantes como espadas,  
Que não têm o perfume e a côr das crengas velhas,  
E nas quaes poisarão seus olhos como abelhas,  
Volitando por sobre as rosas esbraseadas,  
N'um largo espanejar de flamulas vermelhas !...





## VERSOS D'UM DECADENTE

Tens a elegancia altivola das garças,  
A flexibilidade dos juncaes,  
E n'essas tranças sobre o colo esparsas  
Nadam perfumes cálidos, sensuaes.

Ninguem se esquiva ao teu olhar de fogo  
Que fere e abrasa, que fascina e irrita...  
É vêr-te apenas um momento, e logo  
Desejo estranho os corações agita.

A's vezes, se em meus braços, carinhosa,  
Choras e tremes n'um espasmo ardente,  
Eu sorvo-te nas faces côr de rosa  
O choro do prazer, lubricamente.

E, quando entreabres os lençoes do leito  
E o corpo branco junto a mim desnudas,  
Como nunca senti, rasgam-me o peito  
Umas violentas crispações agudas...

Sim; pois que tens muito maior belleza  
E mais encantos do que as outras damas,  
Eu te abandono a alma em goso acêsa  
E ferve na luxuria em que te inflamas...

Mas o que a ti me prende e me alucina,  
O que anteponho ao teu olhar amigo,  
E' o dinheiro—inexgotavel mina!—  
Que ha muito esbanjas, meu amor, commigo!



VICTOR HUGO

Dizia o mundo ao vèl-o  
austero, sobraçando a biblia da Verdade  
e em radiações geniaes o seu olhar: «Quem ha-de  
quem é que ha-de vencel-o?...»

Mas n'esse mesmo instante  
um vulto sepulchral de frio e altivo porte  
gritou ao mundo: Eu hei-de vencel-o... Eu sou a Morte!  
E prostou o gigante.

## CLEMENTINA

### I

A phantasia deixo voar.—Minh'alma  
Fez-se ave: agora corta  
Do céu azul a transparencia calma  
E vae poisar, cantando, á tua porta...

Trémulos ais a pobresita arranca  
Do peito... Eis se avisinha  
Mais uma ave, immaculada e branca...  
—Era a tua alma procurando a minha!



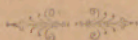
II

O teu sorriso é doce,  
Como não ha talvez maduro pômo  
Tão doce, ou como  
Aza de beijo que em teus labios roce...

Sorris:—a mente sonha  
Gosar venturas mil, gratas e bellas,  
N'uma risonha  
Habitação modesta entre as estrellas...

.....  
.....

E, quando enfim ouvissemos soar,  
Como um termo aos momentos abençoados,  
A extrema hora,  
—Iriamos, sósinhos, a enterrar,  
Sob o manto do sol, amortalhados  
Espaços fóra!



H,...

Quando do meu amor a aza se desdobre,  
mais tarde, lembrarei esse ideal das ruas  
que móra ao pé de mim n'uma casita pobre...  
Ao vento e á chuva traz sempre as espaldas nuas:

o olhar das multidões é o manto que lh'ascobre!

## N'UMA FESTA DE CARIDADE

Batei as azas, corações singellos,  
Finos crystaes, que um sol divino aclara:  
Almas gentis de transparencia rara,  
Cofres d'amor e sentimentos bellos !

Batei as azas n'esse espaço aonde  
Surge vivida luz consoladora  
D'uma rasgada e deslumbrante aurora,  
Cujo fulgor não ha ninguem que o sonde...

Fazei do vosso peito altivo e nobre,  
Cheio d'immense fogo extraordinario,  
Um diamantino e virginal sacrario  
Em que guardeis as lagrimas do pobre.

Admirae o olhar casto de Jesus  
Cheio de irradiações esplendorosas,  
E vesti a final de brancas rosas  
A esses que choram, porque vivem nós !

Almas gentis de sentimentos bellos,  
Finos crystaes, que um sol divino aclara,  
Rasgae do espaço a transparencia rara !  
Batei as azas, corações singellos !





## MAL DE MUITAS

(De Campoamor)

(Posthumos)

—Que mal nol'a roubou? Que doença treda?  
Rosaura exclama, a soluçar.—Morreu,  
Diz-lhe o doutor, por causa d'uma queda.  
—Mas d'onde foi que ella cahiu?—Do ceu.

## AOS BRAVOS DO MINDELLO

(9 de julho)

Às vezes, se me ponho a compulsar a Historia,  
eu fico deslumbrado  
ante os rudes heroes, a quem cobriu a gloria  
com o seu manto iriado . . .

E vejo destacar-se, em meio dos gigantes,  
—alegra-me dizel-o,—  
os flácidos perfis, e energicos semblantes  
dos Bravos do Mindello !

## QUADRAS NOVAS

(A Manoel de Moura)

A minha doce amada,  
—a mais gentil de todas as amadas,—  
é fria, assim como as manhãs geladas,  
a minha doce amada...

No seu riso singello,  
—d'entre os risos o riso de mais graça,—  
uma ironia tragica esvoaça  
no seu riso singello...

E os olhos radiosos,  
—os olhos mais radiosos que eu conheço,—  
enchem-me a alma de luz... e canções teço  
aos seus olhos radiosos!





IN ILLO DIE

Aquelle beijo que me dèste um dia,  
—lembras-te, meu amor?—  
encheu toda a minha alma d'alegria,  
e dissipou a dor,  
que, como nuvem densa, me envolvia. . .

Depois senti que o corpo teu tremia  
nos meus braços, ó flor !  
e o teu olhar, olhando-me sorria  
com mystico langor . . .

—Nunca me ha-de esquecer aquelle dia ! . . .



M...

(A Barreira Junior)

Não a posso cantar—mixto singello  
da formosura e da belleza grega...  
—É negro como a noite o seu cabelo  
e a luz dos olhos seus fascina e cega.

Quando junto de mim risonha chega,  
seu niveo collo palpitante e bello,  
*que em um ninho de rendas se aconchega*  
enche minh'alma d'um infindo anhello...

Na face tem a pallidez dos carabes,  
e da linha gentil de seus contornos  
como que sahem uns perfumes arabes. . .

E sinto-me engolphado, assim que a vejo,  
n'um ambiente de desejos mornos. . .  
*Pudesse eu dar-lhe o meu amor n'um beijo!*







## CANÇÃO FINAL

Fugiu-me a crença,—a pomba estremecida  
que voava no ceu do meu amor . . .  
—Leva consigo est'alma dolorida,  
leva consigo o meu antigo ardor !

E' mais uma illusão friste, cahida  
no deserto sem fim da minha dôr . . .  
Mais uma esperança morta, destruida,  
mais uma rosa que perdeu a côr !

Fugiu-me a crença. O teu desdem, creança,  
amortalhou a lucida esperança  
que me doirava as magoas e o soffrer ! . . .

E, n'uma lucta formidanda, immensa,  
despedaçando a minha ardente crença,  
sinto que vivo, porque vou morrer !



## DUAS QUADRAS A CAMÕES

Soffreste muito, é certo. E, ao ver que tu soffreste  
as ancias do ideal e a immensa dôr secreta  
d'um coração que ao teu jamais unir pudeste,  
lastimo-te, poeta! . . .

Gozaste muito, é certo. E, ao ver que tu gozaste  
(tivesses muito embora a fome como premio!)  
as delicias fataes que ao mundo disputaste,  
invejo-te, bohemio!

## AMOR INFELIZ

Não sei; mas creio, se te vejo olhar-me  
co'a timidez d'uma gazella afflicta,  
que está na luz do teu olhar escripta  
a sentença cruel que ha-de matar-me.

Por Deus, mulher, não venhas apagar-me  
a chamma intensa que o meu peito agita...  
Hei-de com ella mesmo amortallar-me...  
—Ai! foge, foge, ó pomba da desdita!



Não desejo gosar o teu amor,  
se hei-de trazer minh'alma presa á dôr  
no mundo a vaguear,—como proscrita,—

deixa-me antes viver das illisões  
que eu fui buscar ás tuas seducções,  
—e foge, foge, ó pomba da desdita!



## ARRULHOS

### I

Não me vês, meu amor, quando  
contemplo o teu bello rosto,  
tremor n'um anseio brando,  
sentir um intimo gosto?...

Tu não conheces, não vês  
que o meu olhar, quasi baço,  
se passas, brilha talvez  
ainda mais do que o aço?...

Não calculas a alegria  
que, depois de vêr-te, eu sinto! . . .  
Pois não sabes que magia  
espalhas n'este recinto? . . .

Tu não sabes a attracção  
suave, que em mim exerces?  
—que em mim tenho os alicerces  
d'uma infinita paixão? . . .

Não sabes que o teu olhar,  
feito da luz das estrellas,  
inspira estrophes singellas  
a quem ousal-o fitar? . . .

## II

Não sabes? . . . Gomes Leal,  
se te visse, ó meu encanto!  
corria a tecer-te um canto  
em notas d'ouro e crystal! . . .

Não sabes? . . . —João de Deus  
—o poeta das creanças—  
se te beijasse essas tranças  
elevar-te-hia aos ceus!

Não sabes ? . . . Guerra Junqueiro,  
—o que matou D. João—  
immolava o coração  
ao teu riso prazenteiro !





## AS CRIANÇAS

Se alguém, um dia, ao vêr o pallido Jesus  
Chamar junto a si as timidas crianças,  
Dizendo-lhe sorrindo: O' castas esperanças  
Vinde a mim, porque o Bem no vob' olhar transluz.

Lhe perguntasse: «O' sol que a Humanidade doiras,  
Tu que podeste já do mar conter as vagas,  
Porque, doido de amor, tu ficas quando affagas  
Todo esse bando ideal de cabecitas loiras?...

È vós não adoraes—Elle responderia—  
Os humildes vergeis, desabrochando em flores,  
Dos astros pelo espaço os rutilos fulgores,  
E o canto virginal da doce cotovia?

Pois as creanças teem vastos jardins em flôr  
No coração,—no olhar as radiações d'um astro,  
E a sua voz que sae de peitos d'alabastro,  
E' uma cotovia a suspirar d'amor!...



## A UMA ACTRIZ

O seu pescoço triumphal de garça  
tem a vaga indolencia das creoulas;  
cae-lhe nas espaduas a negra trança esparsa  
e o seu olhar é como o olhar das rôlas.

Eu adorei a lubrica comparsa  
que me inspirou as illusões mais tolas. . .  
—Quantas vezes quiz ser um rei de farça  
vestido d'ouropéis e lentejoulas ! . . .

O que eu daria, allucinado e crente,  
para fazer do collo seu abrigo  
em que encerrasse o meu amor ardente!...

Hoje, se falla em ostras e em Champagne,  
afasto-me, dizendo a sós commigo:  
—De certo não serei quem te acompanhe.





## MIRAGEM

De volta ! Já ? . . . Meu triste coração  
Não te emballe esse idyllio brando e tredo !  
Loucura ! Pensar eu que vinhas cedo  
D'aquella extensa peregrinação ! . . .

Quando tu, gentilissima ! arriscavas  
Debeis passos no tragico caminho,  
Inda aspirando o musgo do seu ninho,  
Inda sonhando os sonhos que sonhavas !

Quando a vaidade e o fumo da lisonja  
Manchar-te os brancos pés tentam apenas...  
Se desenganos e amargosas penas  
Nunca choraste como triste monja ! . . .

Quando, aos lados da estrada que percorres,  
Ramagens frescas prendem-te a cintura...  
Quando, correndo após a desventura,  
Sentes que em busca da ventura corres! . . .

Quando no teu modesto paraizo  
Não cruza um vento mau que dilacere...  
Nem sabes, quando uma desgraça fêre,  
Como se estorce a bocca n'um sorriso !

Quando parecem-te floridos valles  
Os cervos, onde poisas como um lyrio,  
E, prelibando o calix do martyrio,  
Enches de novo o prelibando calix! . . .

De volta! . . . Padeceste ? Porventura  
Queimaram-te umas lagrimas secretas,  
Essas aspirações, simples, dilectas,  
Que eram mais do que a tua formosura ?

Não; tu não soffres. Deixa o coração  
Formar-se, entregue aos vendavaes da sorte...  
—Prosegue, ó minha pallida consorte,  
Na tua extensa peregrinação!



(\*) NO ALBUM DE ANTONIO DE LEMOS

Hoje, se, aonde eu passo, acaso ás vezes passas,  
Soluças muito, pois soffres como eu soffri...  
O nosso mal é o mesmo e eguaes as nossas desgraças...  
—Mas vejo-te chorar e rio-me de ti!...

---

(\*)

Meu amigo

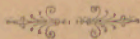
Sousa Viterbo, um dos nossos poetas mais distinctos e estimados, n'uma das primeiras folhas do teu Album, aconselha-te a que procures encher-o com as composições dos novos, d'essa ala folgazã dos que surgem.

Eu que sou o mais humilde e obscuro de todos elles, atrevo-me a inutilisar esta ultima pagina, escrevendo a quadra seguinte:



SALOMÃO PIEGAS

Sê o mais cortezão dos cortezões  
Junto á mulher que adoras. Se uma vez  
Ella irritada te negar as mãos  
—Beija-lhe os pés.



O teu sorriso é o unico thesoiro  
com que nas horas vagas de tristeza,  
as minhas dôces illusões eu doiro. . .

No mesmo laço sinto que anda prêsa  
a minha á tua sorte pura e boa. . .  
—Porisso o meu futuro se embelleza! . . .

Como folha que em placida lagôa  
erra sem tino pelas aguas verdes,  
assim na luz do teu olhar, á tôa,

boia minh'alma. . . Um dia, se me perdes,  
fica-te o meu amor como lembrança,  
mesmo que tu de mim nada mais herdes. . .

Se o desalento no meu peito avança  
e eu estrebuxo do soffrer nas ondas,  
vence-o depressa a fulgida esperança

que no meu ser derramas, quando sondas,  
ao fogo excepcional dos teus olhares,  
—embora ás vezes esse fogo escondas

com receio talvez de me queimares —  
os meus fundos segredos mysteriosos,  
os meus occultos, intimos pensares. . .

Da phantasia aos vôos gloriosos  
a tua imagem sempre me acompanha  
e me faz conceber sonhos ditosos. . .

A tua voz é uma harmonia estranha,  
a cujas notas bellas, triumphaes,  
um prazer raro e subito me banha. . .

Os teus olhos gentis, negros, leaes,  
são precioso balsamo que fecha  
do destino os crueis golpes fataes. . .

Acontece que a duvida desfecha  
sobre mim os seus tiros inflammados;  
mas eu não solto nunca uma só queixa,

- porque te devo os gosos delicados  
que suavizam a dôr que me tortura  
e tornam os meus dias socegados. . .

Como os rudes irmãos da desventura  
buscam, levados d'uma furia louca,  
o derradeiro bem—a sepultura,

reconhecendo acaso que se apouca  
o teu amôr que a minha fê renova  
e que d'ha muito as minhas crenças touca,

has-de vêr-me tambem descer á cova...  
e, na sombria e larga campa, irei  
passar sem ti uma existencia nova!...

.....

Olha que, por amar-te, me alonguei  
e, sem querer, fui repetindo os meus  
sonhos febris, que ao pé de ti sonhei...

Termino, pois, ó minha amada. Adeus!





## FRATERNIDADE

Se a um povo, nosso irmão, se abrem de par em par  
As portas sepulchraes da fome e da miseria,  
E cobre o rosto com a lividez funerea  
De quem o mundo vae enfim abandonar...

E' do nosso dever, filhos da mesma raça  
Que a sorte desprendeu do laço que os uniu,  
—Ou mitigar-lhe a dôr enorme que sentiu,  
—Ou com elle tragar o fel d'essa desgraça !



## VERSOS POSTHUMOS

Nos teus olhos gentis, que são flammæ, aonde  
nada meu coração, n'esses teus olhos bellos,  
um thesouro d'amor parece que se esconde...

Abre pois esse cofre, ó flor dos meus anhelos!  
Deixa que, aos beijos, eu continuamente sonde;  
e os teus beijos também concede-me sorvel-os!

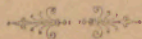
Que dias sente vér,  
Mas nunca sem te amar,  
e ao pé de ti viver ! . . .

Bemdito o teu olhar,  
bemditô o teu sorriso  
e o teu perfil sem par ! . . .

Ergo-me ao paraíso  
assim que te presinto,  
assim que te diviso . . .

E, crê-me tu—não minto—,  
continuadamente  
dentro da alma sinto

o teu olhar ardente,  
o teu perfil distincto,  
e o teu sorrir clemente ! . . .





## A FESTA DAS CRENÇAS (\*)

(Inedito)

Lirios, jasmins e rosas  
E aves—quanto resume  
O amor—a alma das cousas  
O cantico e o perfume;

---

(\*) Esta poesia foi escripta expressamente para ser recitada pela menina Etelvina Ferreira dos Santos Silva, então de 9 annos, na unica festa de creanças realisada no Pora, no Palácio de Crystal, em outubro de 1887.

A luz d'um feixe d'astros,  
Noites primaveraes,  
Os puros, doces rastros,  
D'uns olhos virginaes;

O mysterioso anseio  
D'um beijo ou d'um carinho,  
Os fremitos d'um seio,  
A musica d'um ninho

Una-se tudo . . . e cante  
Canções gratas e mansas  
—Celebre a lyra ovante  
A festa das creanças!



## A VICTOR HUGO

Outr'ora, na morte dos reis:  
—O rei é morto. Viva o rei!

O genio é immortal.  
A Victor Hugo só pode succeder Victor Hugo  
E assim, na morte do poeta:  
—Victor Hugo é morto! Viva Victor Hugo!

## À MOCIDADE

Ó mocidade, abre o teu seio amigo  
como um singello e immaculado cofre,  
para que n'elle encontre doce abrigo  
o amargo pranto de quem muito soffre !

Depois, ébria d'amor, o pranto lança  
da Caridade á genial retorta. . .  
—a treva foge ao ver a luz da esp'rança!  
—sae nova crença d'uma crença morta !



## À VISINHA DAS AGUAS-FURTADAS

Quando a vizinha chora  
queria ir ter com ella,  
e murmurar-lhe:—Estrella,  
que dôr dentro em ti môra?... .

E abria-lhe na janella  
o peito meu, que a adora,  
para ver essa estrella  
regal-o, quando chora... .

No calice de prata  
havia de encerrar  
a mesma dôr que a mata . . .

Como eu desejo agora  
chorar tambem, chorar,  
quando a vizinha chora ! . . .



## MORDEDURAS

### I

Nas horas mais felizes  
Da minha vida, ouvia-te exclamar:  
—Dentro em meu peito alastram-se as raizes  
D'este amor, mais profundo do que o mar!

E, se eu gosava o encanto extranho e vago  
Das tuas faces, lubricas vermelhas,  
N'um sensual e derradeiro affago,  
Mordias me as orelhas!

II

Nas horas infelizes  
Da minha vida, eu te ouço exclamar:  
—Dentro em meu peito seccam-se as raizes  
Do antigo amor profundo como o mar . . .

E muito embora eu a teus pés me roje,  
Ó doce amada em éstos de paixão,  
Sorris e passas desdenhosa . . . Hoje  
Mordes-me o coração !





## QUADRO MINHOTO

(A Francisco Carrelhas)

Erguem-se ao ar os pinheiraes despidos,  
como lanças varando um peito azul,  
—harpas aonde as virações do sul  
ensaíam elegias de gemidos. . .

Da pradaria os fundos ais sentidos  
não há ninguém de certo que os calcule.  
nem rouxinol perpassa que module  
uns radiosos canticos perdidos. . .

Dia d'inverno. Os ramos do arvoredò  
tremem, assim como um rapaz com medo,  
ou como as cordas frouxas d'uma lyra...

E eu no wagon componho este soneto,  
emquanto o céo veste um casaco preto  
e em baixo um moinho lentamente gira...



## O SULTÃO ACHMET

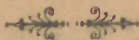
(Imitação de V. Hugo)

A' Joanna, a granadina,  
que tem voz doce e argentina,  
Achmet, sultão, disse um dia:  
—Para sempre trocaria  
o meu reino por Medina. . .  
Medina por ti daria !



—Faz-te christão, rei sublime !  
para que Deus legitime  
o prazer que um peito amante  
possa sentir n'este instante.  
Quando não, seria um crime . . .  
E peccar é já bastante !

—Pelas joias da cadeia,  
que n'um circulo rodeia  
o teu pescoço sem par,  
farei o que te agradar,  
se me servir, ó sereia !  
De rosario o teu collar !







## NO EXAME

Ella fazia o seu primeiro exame;  
e, quando entrei na sala erecto e grave,  
o seu olhar, como doirado enxame,  
veiu poisar-se em mim n'um vôo suave.

Deixei enfim de ouvir-lhe a doce fala  
que as almas prende como um canto d'ave.  
O exame terminou. Sahi da sala  
tranquillo, silencioso, erecto e grave.

\*

Mais tarde amei-a com ardor... e a mã  
não se lembrava já  
d'aquelle olhar que em seu primeiro exame  
poisára em mim, como doirado enxame.



## LOTERIA

Senhoras, vinde ás janellas !  
Vinde ás varandas, senhoras !  
—Comprae as minhas cautellas,  
Oh! tranças negras ou louras !

Ha muito tempo que anceio  
Em dolorosa agonia. . .  
Meu coração, transformei-o  
N'uma estranha loteria.

Tenho numeros escriptos  
Com choros intimos, castos;  
Muitos traduzem os gritos  
Dos soffrimentos mais vastos.

Alguns vereis que debuxem  
Canções aos astros e aos lyrios;  
Outros talvez que estrebuchem  
Ao peso dos meus martyrios.

E d'este rude conjuncto  
De pranto e risos dispersos,  
E' que eu vou tirando assumpto  
Para fazer os meus versos ! . . .

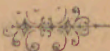
Senhoras, vinde ás janellas !  
Vinde ás varandas, senhoras !  
—Comprae as minhas cautellas,  
Oh! tranças negras ou louras !

Comprae . . . pois representam  
O ardor, que nunca se acalma,  
Dos desejos que me alentam  
E me retalham a alma . . .



E, senhoras, d'entre vós,  
Aquella que a sorte escolha,  
Ha-de ser o eterno algoz  
Do meu coração em folha! . . .

Senhoras, vinde ás janellas !  
Vinde ás varandas, senhoras !  
—Comprae as minhas cautellas,  
Oh! tranças negras ou louras!



## TRISTE

¿Lloras?... Lo bien conosco que tu llanto  
Es falso, y lloro viendote llorar...  
Ningun amor me tienes. Mientrastanto  
Me muero de te amar.

De tus cabellos nel setineo manto  
Pudiera yo mi pecho acalentar,  
Que te bendiciria,—¡alivio santo,  
Dulce alivio sin par!...

Pero no veo, no, tus blancas alas  
Abrir-se llenas de propicias galas,  
Palomita, hacia mi . . .

Mirasme, éso me basta . . . Siempre fria  
Es tu mirada, siempre . . . Todavía,  
¡ Io te bendigo así !



## TRISTE

(Tradueção)

Choras?... Eu bem conheço que o teu pranto  
é falso, e choro vendo-te chorar...  
Nenhum amor me tens. E no entretanto  
eu morro por te amar.

Dos teus cabellos no setineo manto  
podesse eu o meu peito acalentar,  
que te abençoaria—allivio santo,  
dôce allivio sem par!



Porem, não vejo as tuas azas brancas,  
bem cheias de fulgor, abrir-se francas  
ó pomba, para mim...

Olhas-me, isso me basta... Sempre fria  
é tua vista, e sempre... Todavia,  
eu te bendigo assim!



## O CHORO

Meu coração, no entretanto,  
como bagas de granizo,  
deixou cair algum pranto  
na taça do meu sorriso . . .

Mas não succumbi. Sustento,  
como um velho gladiador,  
as iras do sofrimento  
e as tempestades do amor . . .

Mas era o vago queixume  
d'uma existencia vencida  
por um desgosto profundo . . .

E' que esse choro resume  
—o meu epigramma á vida,  
—a minha satyra ao mundo ! . . .



## BUSTO DE NEVE

(De Campoamor)

D'amor tentado um penitente, um dia,  
com neve um busto de mulher formava  
e a si o busto gelido apertava,  
chegando-o ao fogo que em seu peito ardia...

E quanto mais o busto ao peito unia,  
mais a neve do fogo se aproximava...  
—Do penitente o coração gelava  
e o busto da mulher se desfazia.



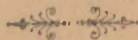
N'essas luctas, amor que hoje renego,  
o inverno sempre acompanhou o estio,  
e, se um ama sem fé, o outro ama cego.

Assim tambem, meu coração sombrio,  
da sua neve ao humido aconchego,  
para dar-lhe calor, morres de frio!...



NATUS EST JESU

Nasceu Jesus, nasceu o Christo,—aquelle  
De quem tinham fallado as profecias,  
—O que a noss'alma a um outro mundo impelle  
—O que sonhava mysticas theorias.



## VINTE ANNOS DEPOIS

(A Carlota Velloso

Tarde chego... Mas ouço erguer-se do passado  
Uma voz immortal—a grande voz da Historia—  
A dizer-me que já beijou teu rosto a gloria  
E o que o teu genio trouxe o palco illuminado...

E disse mais a voz—forte clarim sagrado...  
Contou-me como tu na vida transitoria,  
Foste grande, e tiveste um nome aureolado...  
Delirios: Ovações: e as palmas da victoria.

Ella contou por fim,—a rude e austera voz,  
Que te abrigaste sob engalanadas tendas,  
É que da tua vida o ardente rastro fundo;

Foi como essas d'outr'ora homericas contendas,  
Tamanhas, tão geniaes, que, seculos após,  
Só d'ouvil-as contar, inda estremece o mundo!





## ESQUIVA

(A Oliveira Alvarenga)

Quando te busco, foges sempre. Acaso  
Temes, meu anjo! que te crêste as azas  
Esse fogo d'amor em que te abrazas,  
Este fogo d'amor em que me abraço?

Porque eu bem sei que, muito embora occulto,  
Por este amor, dás-me também amor...  
—Almas talhadas para a mesma dôr,  
Pro'essamos os dous o mesmo culto.

Sei que pensas em mim, do mesmo modo  
Que eu penso em ti, ó dona dos meus ais !  
Sei que os no-sos desejos são iguaes,  
E formam nossos corações um todo.

Não percebes a vida sem a posse  
Do meu amor, como eu a não percebo  
Sem a esperança que em teus olhos bebo  
E em teus sorrisos, minha pomba doce !

Essa tua esquivaça não abrandas...  
Mas, longe um do outro, andamos nós buscando,  
Tu, minha amada ! os beijos que te mando,  
Eu, minha vida ! os beijos que me mandas.

No entanto, todos sabem que me evitas,  
E riem, riem d'este sonho meu...  
Doudos ! Que me importa que me fujas ? Eu  
Vivo contigo, e tu comigo habitas !

Foges-me ? A sorte, que entre gosos cria  
Alguns, e a muitos só concede a noute,  
Fadou-me para ti, como fadou-te  
—Não fujas mais !—para ser minha um dia !

## DOLORES

Alma d'artista em corpo tão perfeito,  
Nos momentos de febre, eu entrevira  
Essa por quem meu coração delira,  
Mulher gentil d'immaculado aspecto. . .

Todo este amor tamanho é de tal geito  
Que, se ella porventura o descobrira,  
Junto a seus pés exanime, cahira,  
As mãos em cruz, as mãos em cruz no peito. . .

Nem sabe a dona d'olhar serio e brando  
E dos sorrisos candidos, singellos  
Nem sabe,—como traduzir-se um ai?—

Que me alanceia e me subjuga, quando  
Ella acarinha os sobrinheiros bellos,  
Um desejo infinito de ser pae!...





## AGUARELLA

(Vespera de natal)

Sob o modesto humbral  
Um velho a solçar recordações,  
E em meio do quintal  
Dois pequenitos a britar pinhões...



## O RISO

Hei-de pãssar a minha vida lenta  
continuamente a rir como um bohemio,  
porque o riso que eu tenho é irmão gêmeo  
da desventura que me ampara e alenta. . .

Sinto minh'alma de prazer sedenta  
e ao mesmo tempo vejo que ella teme-o.  
—Ó Ironia, sê o unico premio  
que me consola e os risos meus augmenta !..

Nas horas tristes de agonia eu quero  
que me não vergue a dôr e o desespero,  
nem de meus ais se escute o longo côro. . .

E desejo que sobre a minha cova  
nasça uma flôr risonha, estranha e nova,  
como um protesto alegre contra o chôro !...



## CANTARES HESPANHOES

Dois beijos minh'alma tem  
Que nem vendo por dinheiro:  
—O derradeiro de mãe,  
—Dos que eu te dei, o primeiro.

Uma silva, inda que fosse,  
Minha mãe d'ella brotasse!  
Inda que a silva picasse,  
Sendo mãe,—sempre era dôce...



## COISAS

A bella rainha  
um lindo mancebo  
por amante tinha...  
O rei era um *gebo*,

que dava o *cavaco*  
por ter entre os braços  
da aia os finos tratos,  
de resto... outro Baccho...

Astuto ministro  
de gesto sinistro  
o throno guardava . . .

E, n'um bello dia,  
com toda a urbania,  
mandou o rei . . . á fava ! . . .



NUM BAILE DO «PALACIO»

Uma bella *lavradeira*  
corria a «nave central»  
à espera d'algum *pardal*  
que cahisse na *ratoeira*.

Um *brazileiro* innocente  
que a julgou menina séria,  
deu-lhe dois... *dois de léria*  
e foi pagar-lhe a *patente*.

Chegados ao «Restaurante»  
o *patosinho* arrogante  
mandou vir pasteis e ostras...

E querendo beijar a dama,  
erguendo a mão ella clama:  
—Tóme; ahí tem duas lostras!





## INÉDITA

(A Oliveira Alvarenga)

Ouve-me tu sómente. Escuta bem  
Esta minha sincera confiança,  
—Tu que sabes o prestimo que tem  
A honestidade d'uma consciencia.

Tu, que és leal e dedicado, e és  
Um forte para a vida, para a lucta,  
Tu, cheio de talento e de honradez,  
Escuta a minha confiança, escuta:

.....  
.....

Amei com phrenesi... Se conhecestes  
Essa que amei não t'o pergunto eu...  
(Que vale dizer-lhe o nome — quando este  
Amor antigo desapareceu ?)

Amei, é tudo... Sonhos vãos, mais nada...  
Mas, Deus bondoso! que desillusões!  
Como senti minh'alma lacerada  
Pelas mais cruciantes decepções!

Não que eu julgasse cheia de virtude  
Essa que é cheia de bellezas, não...  
(A minha natureza franca e rude,  
O meu altivo e moço coração,

Nunca abrigaram sombra de perfidia,  
Nem mereceram humilhante dó!)  
A touca vida, essa mulher divide a  
Entre prazeres e caprichos, só!

Mas eu, ingenuo ! preso dos desejos  
De muito amar e muito amado ser,  
Via nos labios d'ella apenas beijos  
E a perfeição nas fórmãs da mulher . . .

Via, para viver, que me bastava  
Um sorriso de luz, terno e sem par . . .  
E, descuidoso ! nem sequer olhava  
O abysmo que me havia de tragar !

E, da existencia na vereda extensa  
Eram-me guia os olhos seus fataes . . .  
E a minha dignidade, a minha crença  
Fugiam—debandando com meus ais !

E quantas vezes me assentei, risonho,  
No seu carro de gloria falso e vão,  
Sem conhecer, na embriaguez do sonho,  
Que era esse carro—o da prostituição ! . . .

.....  
.....  
.....

Já resvalava... Em meio do declive,  
Houve, porém, honesta voz maguada  
Que me fallou... E a tempo me sustive,  
—O abysmo aos pés,—n'aquella derrocada...

Esse que me fallou não t'o revelo...  
Mas que eu te aperte a mão fiel d'amigo,  
E, quando o Mal me prenda em ferreo élo,  
Que eu sempre vá desabafar contigo!

---



## SCENA CASEIRA

Um gordo frade,  
—sem vos mentir,  
pois é verdade—  
quiz seduzir  
uma *beldade*  
assim... a rir...

Mas a ladina,  
que era mui fina,  
diz-lhe a berrar:  
—Tenha juizo;  
tenha mais sizo;  
vá-se... catar!

## SALOMÃO DISCRETO

E bella? É loira, — essa a quem mando a êsmo  
Pobres irmãs tão pallidas, tão duras? . . .  
Não vol-o digo ao certo. Porque eu mesmo  
Vejo-a sempre . . . ás escuras.

Para evitar qualquer indiscrição  
Nos segredos do amor,  
Buscae a escuridão . . .  
— Isso é melhor.



## A ESTATUA DE NEVE

De Campoamor

(A Felix Ramos)

### I

Toda de gelo, a Estatua, á minha beira,  
O gesto impavido, a expressão sombria, —  
Ergueu-se... e em voz solemne que me esfria  
Como o som da trombeta derradeira:

—«Porque seguiste a sombra aventureira ?  
«Porque crêste no amor que te sorria ?  
«Torce-te, coração ! n'essa agonia !  
«Rebaixa, escravo ! essa existencia inteira !

«Sabes quem sou? A Duvida. Não creio  
«N'um ar d'amor, nos fremitos d'um seio,  
«Nas farfalhantes azas da alegria. . .»

Disse... E, volvendo á posição primeira,  
Como um protesto, a branca Estatua fria,  
Hirta e muda, quedou-se á minha beira!

## II

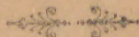
Eu, porem, que me julgo honesto e forte,  
Que nem um passo no combate cedo;  
Eu que da vida n'este vil degredo,  
Se fôr preciso, hei-de vencer a morte;

Eu fui buscar a estrella do meu norte,  
—Essa mulher fatal que amo em segredo,  
E, pondo-a em face do inimigo quedo,  
Contra mim proprio conjurei a sorte.



Mal que a sentiu, estremecen a Estatua;  
Talvez pensasse já quanto era fatua  
A descrença no amor apregoada . . .

Mas ao bater-lhe o fogo em que se aquece  
O ardente olhar da minha idolatrada,  
Aquella neve tragica desfez-se !



## SALOMÃO CIOSO

Nunca ameis a mulher que diz amar-vos...  
Fugi d'ouvir-lhe os juramentos seus:  
—Promette a vida e gosa de matar-vos!  
Dá-vos o inferno, e falla-vos dos ceus!



## VERSOS D'UM DECADENTE

*Justa Crucem*

O' virgem pensador de fallas dôces,  
Julgaste vêr a humanidade inteira  
Escarnecer de ti, como se fosses  
Um regio lobo ou histrião de feira?

O' mart yr que adoraram, de joelhos,  
De polo a polo, as mais diversas raças,  
H oje passeias, como os ursos velhos,  
A rufos de tambor, por essas praças!...

No mundo embora o odio dos ceus não caiba,  
Embora o Papa a excommunhão nos mande,  
Que o Padre Eterno, esse ignorante, saiba  
Que a morte é vida independente e grande!...

\*

Jesus, Jesus, volta de novo ao mundo  
—Das almas castas o medonho abutre—  
E vem tirar d'este bordel immundo  
O crime e o vicio que por cá se nutre!...

O teu olhar,—não sômos quem tu és,—  
Muda-o em largo oceano encapellado,  
Para sorver e anniquilar de vez  
O cortejo terrivel do Peccado...

Mas ao voltar, Jesus, não te acompanhe  
Grande appetite, original, fradesco...  
—Pôdes sentir-te fraco ante o *champagne*,  
Lagostas, trutas e marisco fresco..



E vêr-te-hemos talvez, de quando em quando,  
O' conversor gentil de Magdalena,  
Louco de sonho e de paixão, gosando  
O amor d'alguma sensual morena!



## OS DOIS MEDOS

De Campoamor

### I

A noite cae do venturoso dia...  
Ella,—o olhar baixo e quedo,—:  
—Porque te acéreas tanto? me dizia;  
Ao pé de ti, morro de medo!

### II

Mas passa a noite... E ella me diz,—velado  
O olhar,—quasi em segredo:  
—Porque te afastas tanto do meu lado?  
Longe de ti, morro de medo!

## DOUDIVANAS

Quando me vê passar, o busto inclina  
Sobre a janella do terceiro andar  
A rir, a rir... Quando me vê passar,  
Joga-me sempre uma ironia fina.

Ri-se, bem sei ! n'um riso que fascina,  
Da minha cabelleira a fluctuar;  
Depois, cobrando e desviando o olhar,  
Esconde o rosto audaz entre a cortina.

Ouvi-lhe ha dias, maliciosamente,  
Que o meu cabelo solto e negligente  
Me dá o aspecto d'um Romeu vulgar...

Vulgar ou não, minha menina douda,  
Usarei cabeleira a vida toda  
Só para vér-te rir, quando eu passar !





## A VENTURA E A MORTE

De Campoamor

I

Filho! a quem guardam maternas disvellos,  
Pois que procuro onde a ventura aninha,  
Talvez a encontre nos teus sonhos bellos.

—A mãe—

—Meu filho chora, por desgraça minha:  
*Segue! Caminha!*

II

—Bellas! perdido na estrangeira plaga,  
Fazei que a mim tarda ventura chegue  
Das mil venturas com que amor nos paga

—As bellas—

—Triste do pobre que se nos entregue:

*Caminha! Segue!*

III

—Grandes! á vossa piedade eu fallo;  
Onde a ventura—para os bons mesquinha?...  
Se no ouro a tendes, vou compartilha-o.

—Os grandes—

O punhal, contra nós, sae da bainha:

*Segue! Caminha!*

IV

—Velhos! no embate de infernal batalha,  
Busco o prazer, sem que á ventura chegue...  
Esconde-a acaso a funeral mortalha?

—Os velhos—

—Nem mesmo o velho ser feliz consegue...

*Caminha! Segue!*

M...

Sans dire le nom qu'il faut bénir et faire  
Sainto—Beuve.

Eu fui-me debruçar anciosamente, um dia,  
das minhas illusões singellas no terraço,  
á hora em que o sol cae, nas garras da agonia,  
no mar como um heroe prostrado de cansaço...

Deixei que a alma se erguesse aos paramos augustos,  
onde vegeta a flôr dos meus sonhos d'infancia,  
e, preso do desejo aos pallidos arbustos,  
estre'luxei do amor na indefinivel ancia...

Construi no pensamento a cathedral suprema,  
das crenças ideaes que temos dentro em nós,  
e dei á phantasia—o nosso eterno algoz—  
as minhas commoções vibrantes para thema...

Ella no vasto azul bateu as azas largas...  
Assim como um condôr enorme, atravessou  
do sofrimento humano as solidões amargas,  
e com o pranto seu os astros orvalhou...

Errante, como a sombra antiga de Ashevero,  
viu do Bem e do Mal o tenebroso mixto,  
e, como possuia um coração sincero,  
yotou um odio estranho aos vendillhões de Christo!

Mal ella encontrou, quasi ao terminar a viagem,  
quando pairava já da duvida no abysmo  
os teus olhos gentis de dôce magnetismo...  
—E acreditei no amor ao vêr a tua imagem!





## SOMBRAS AMIGAS

(A Heliodoro Salgado)

... Essa que foi ceifada pela morte,  
Inda tão nova! quantas vezes há-de  
Surgir ao lado teu subitamente,  
A povoar a tua soledade...  
E ao pé de ti, singella no seu porte,  
O mesmo labio em flôr, o mesmo olhar clemente,  
Has-de vê-la sorrir como sorria outr'ora,  
Com a mesma expressão dôce e consoladora

Dos que vivem amando e amados pelos seus...

Has-de vê-la, quando os abrolhos  
Te fizerem sangrar os pés, e quando os teus  
Braços cahirem já quasi desfallecidos,

—Meu desditoso e honesto amigo!

Has-de vê-la mostrar uns olhos condoidos,

E, rasos d'agua os tristes olhos,

Has-de vê-la chorar e padecer contigo!...



## AUSENCIA

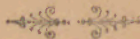
Quando partiste, creança,  
a minha alma dolorida  
ficou vasia d'esp'rança...

Meu coração sem guarida,  
sentiu que, n'esse momento,  
lhe faltara a luz da vida...

E tal é o meu tormento,  
tão profunda a dôr secreta,  
que me envolve o pensamento,

que nem a cerveja preta,  
que se vende no Universo,  
póde inspirar o teu poeta

para fazer mais um verso !





.....  
Une-se o estrolejar das arvores selvagens,  
N'esses versos, que são d'uma indolencia vaga,  
Aos soluços febris que lembram as imagens  
Dos monges arrastando os corpos pelas lageas  
Dos mosteiros aonde a luz do sol naufraga,  
Seq uiosos d'amor como animaes selvagens !

PENULTIMOS VERSOS DE HAMILTON

Mal que te vi,  
Logo senti  
Grande paixão . . .  
Meu coração  
Treme e delira,  
Canta e suspira  
Ternas endechas . . .  
Se os olhos fechas

A tanto amor,  
Fico peor  
D'esta doença . . .  
Peço licença  
De revelar  
O meu pensar:  
Não qu'rendo amar-me,  
Vou já deitar-me  
Da ponte ao rio  
Sem medo ao frio . . .  
(P'ra mim requieiro  
O taboleiro  
Superior,  
Porque este amor  
Tão alto é  
Que eu creio até  
Que achará pé  
No rio Douro.)  
Oh! meu thesouiro,  
Resposta prompta  
Que faça conta  
Ao meu affecto.  
Senão espeto  
Comigo n'agua ! . . .  
E a tua magua  
E o teu remorso  
Serão enormes . . .  
Faze um esforço

E vê se dormes  
Sobre o meu seio,  
Longe o receio:—  
Emfim eu conto  
C'o teu carinho . . .  
E, pondo ponto,  
Digo com magua  
Que, se m'ò negas,  
Vou direitinho . . .  
Calcula . . . A' agua ?  
Não: às adegas  
Metter-me em vinho ! . . .

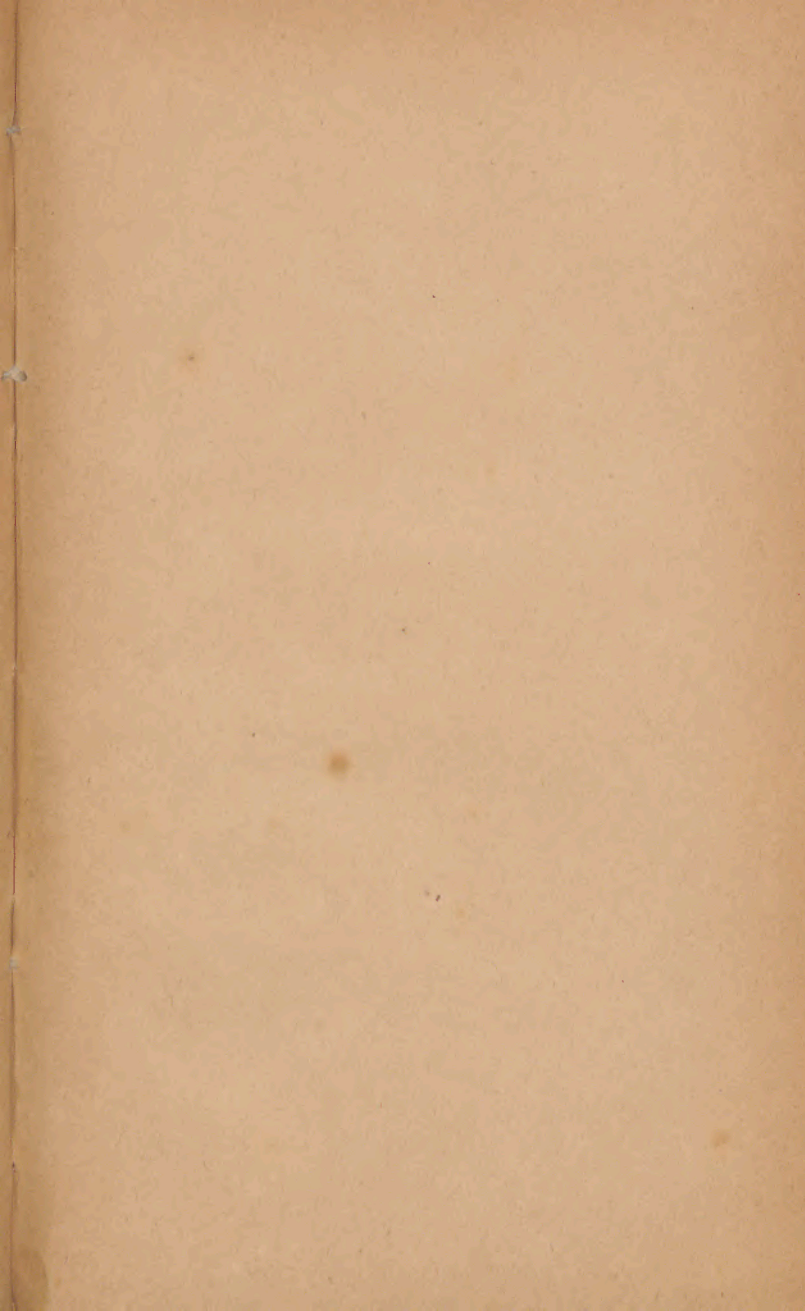
Nota: Um sorriso,  
Morrendo, ostento,  
Se realiso  
O meu intento . . .  
—Feitos heroicos  
Proprios d'estoicos  
Do meu tempêro . . .  
Adeus ! . . . Cá espero !















## INDICE

|                        |    |
|------------------------|----|
| Quadra posthuma        | 1  |
| Duas lagrimas          | 2  |
| Confidencia            | 4  |
| O sarcasmo             | 6  |
| Ultimo olhar           | 9  |
| Volupias               | 11 |
| Soneto                 | 12 |
| Aos bravos do Mindello | 14 |
| O meu evangelho        | 15 |
| Era loura              | 17 |
| Como eu vivo           | 19 |

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Fragmentos                 | 21 |
| Arthura (I)                | 23 |
| Arthura (II)               | 25 |
| Devaneio                   | 27 |
| Thereza                    | 29 |
| O Champagne                | 30 |
| No album d'uma senhora     | 32 |
| Feito da luz das estrellas | 33 |
| Andorinha                  | 34 |
| Distico                    | 36 |
| Creanças                   | 37 |
| A vizinha                  | 39 |
| Madrigal                   | 42 |
| Para as creanças           | 43 |
| Na despedida               | 44 |
| Primeiro beijo             | 37 |
| A, . . .                   | 48 |
| Lola                       | 50 |
| Quadras novas              | 52 |
| Madrigal eterno            | 54 |
| Mors læta                  | 56 |
| Henriqueta                 | 58 |
| Despertando                | 60 |
| Noites de spleen           | 62 |
| Lira d'um sentimental      | 64 |
| Primeira entrevista        | 64 |
| Versos d'um decadente      | 68 |
| Esboçeto                   | 71 |

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| Todo o pranto                                          | 73  |
| Madrigal risonho                                       | 74  |
| Carta a um amigo                                       | 75  |
| A uma actriz                                           | 77  |
| Magdalena                                              | 79  |
| Aristocrata                                            | 81  |
| Musa em passeio                                        | 83  |
| Novo ideal                                             | 86  |
| Fragmento                                              | 87  |
| No theatro                                             | 89  |
| Phantasia                                              | 91  |
| Escola Marquez de Pombal                               | 93  |
| No anniversario d'uma senhora                          | 95  |
| *                                                      | 97  |
| Brinde estranho                                        | 98  |
| A' exm. <sup>a</sup> sr. <sup>a</sup> D. Alice Moderno | 101 |
| Versos d'um decadente                                  | 103 |
| Victor Hugo                                            | 105 |
| Clementina                                             | 106 |
| H. . .                                                 | 108 |
| N'uma festa de Caridade                                | 109 |
| Mal de muitas                                          | 111 |
| Aos bravos do Mindello                                 | 112 |
| Quadras novas                                          | 113 |
| In illo die                                            | 115 |
| M. . .                                                 | 117 |
| Canção final                                           | 119 |
| Duas quadras a Camões                                  | 121 |

## Nota

É bem o caso de se applicar á presente edição das *Canções d'um Bohemio* a frase de Terentianus Maurus, por tanto tempo, e ainda hoje ás vezes, attribuida a Horacio, a Ovidio e a Martial.

### *Habent sua fata libelli*

única memoria que d'aquelle sobreviveu.

E de facto que começada e proseguindo esta edição longe de minhas vistas, e não obstante a solícitude com que a vigiou um amigo, sahiu com grande numero de senãos, só á minha noticia vindos após sua inteira tiragem, senãos que só bem poderião desapparecer em nova e completa tiragem. O ultimo d'elles, e esse emendado foi com fazer nova tiragem, o da ordenação das primeiras e ultimas paginas do tomo com numerção italiana ter sido disposta por modo—



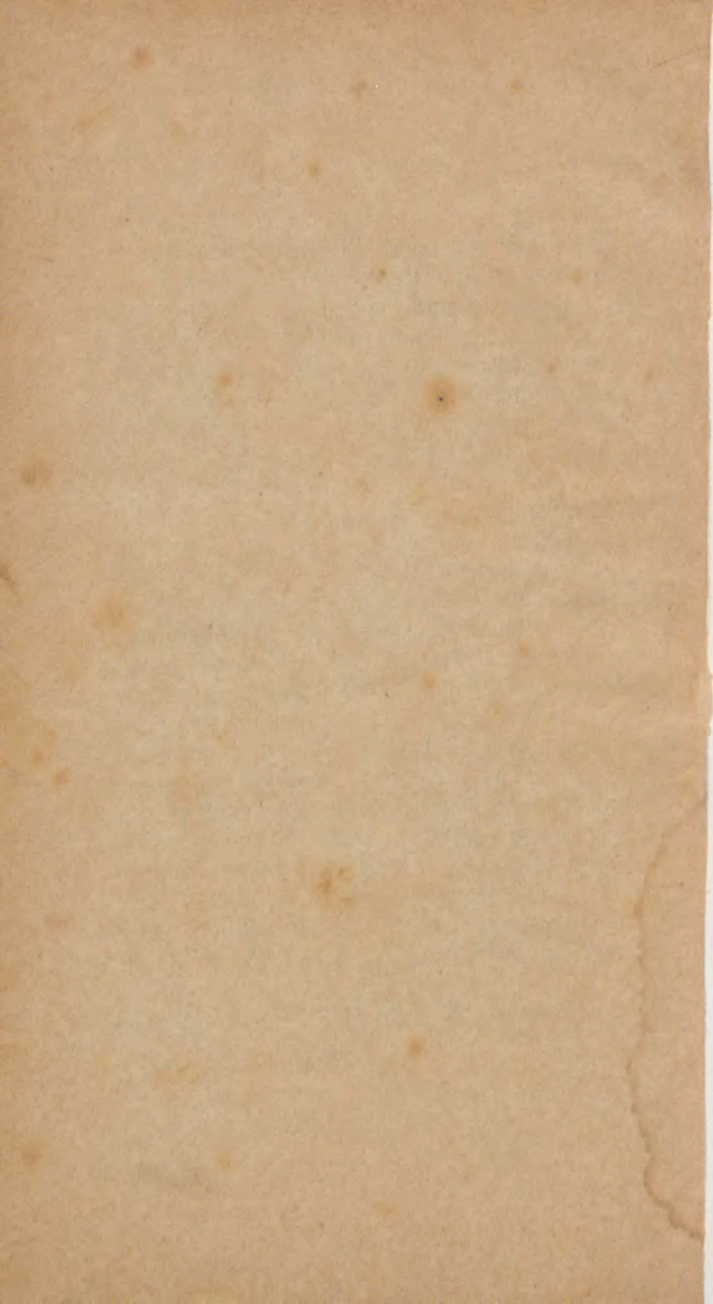
em vez de ordenação lhe devia chamar des-  
ordenação—que impossivel brochal-o.

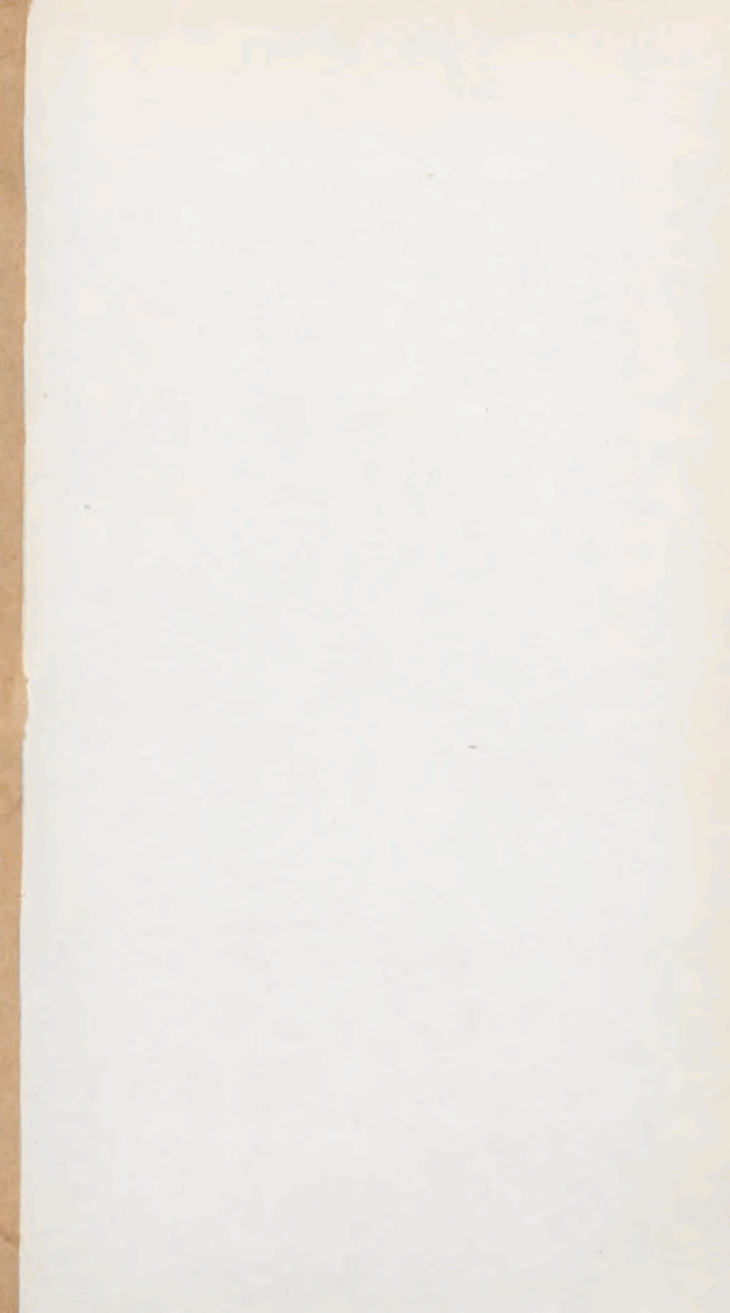
Como, porém, ha bens que vêm por ma-  
les, ainda que quasi sempre não compen-  
sando estes aquelles, aproveito esta 2.<sup>a</sup> tiragem  
das ultimas paginas das *Canções de um Bo-  
hemio*, para dar a rasão de, sendo ellas illus-  
tradas com o retrato de Hamilton, d'isso se  
não fazer mensão nem na capa, nem no seu  
frontespicio.

Offerecendo-me gentilmente o sr. Au-  
gusto Gonçalves Dias, estudioso moço por-  
tuense, um dos mais fervorosos admirado-  
res de Hamilton, a quem já gratamente me  
referi nas «duas palavras» com que prece-  
do a obra do mallogrado poeta, o retrato  
d'este para illustrar a presente edição, pres-  
surosamente o acceitei, mas por percalços  
independentes de sua vontade, só muito  
mais tarde do que o com que contava, lhe  
foi, ao sr. Gonçalves Dias, entregue a tira-  
gem do mesmo retrato, e quando já impres-  
sos o frontespicio e capa do livro... Dito  
isto resta-me saudar com o antigo *vale* o  
amigo leitor.

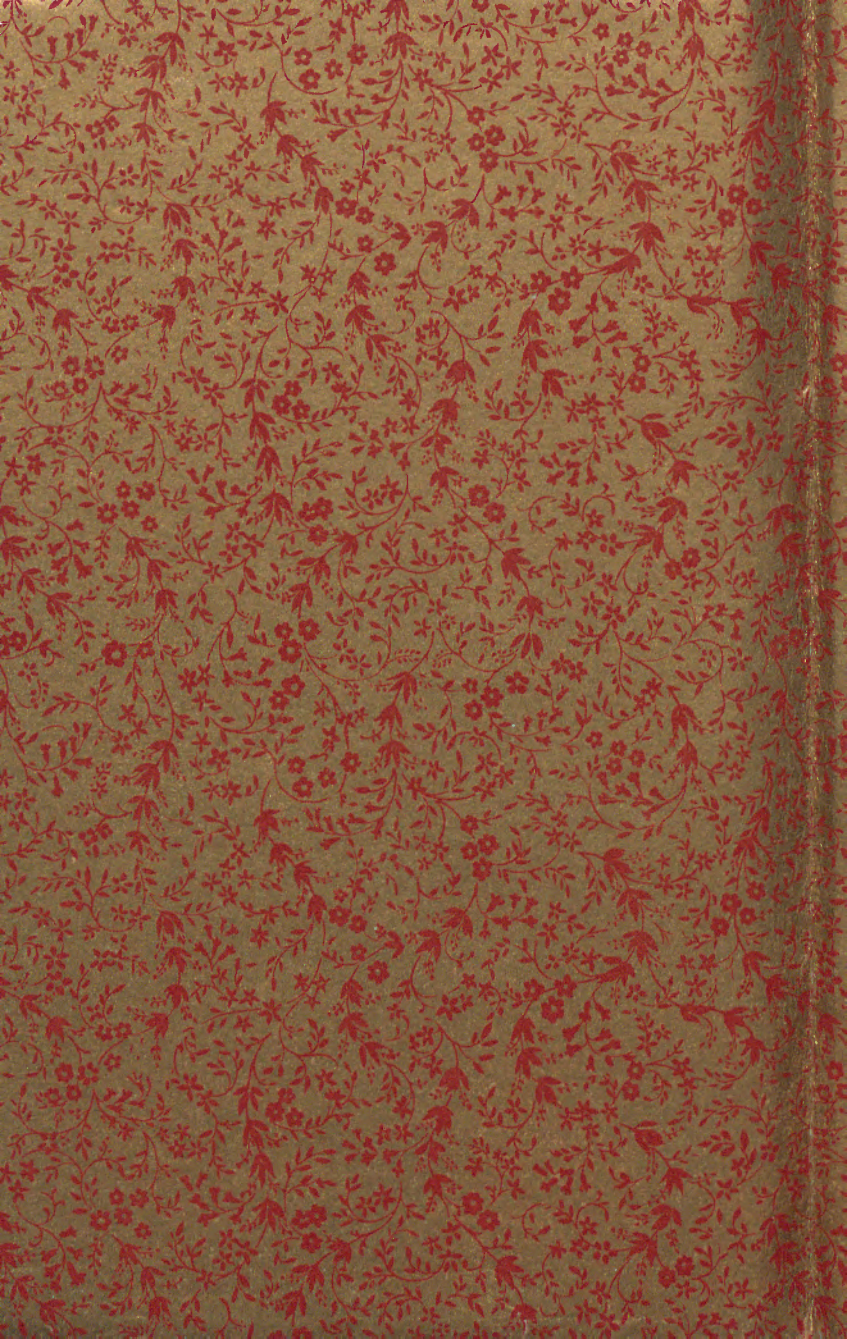
Lisboa—maio de 1899.

*Rodrigo Velloso.*

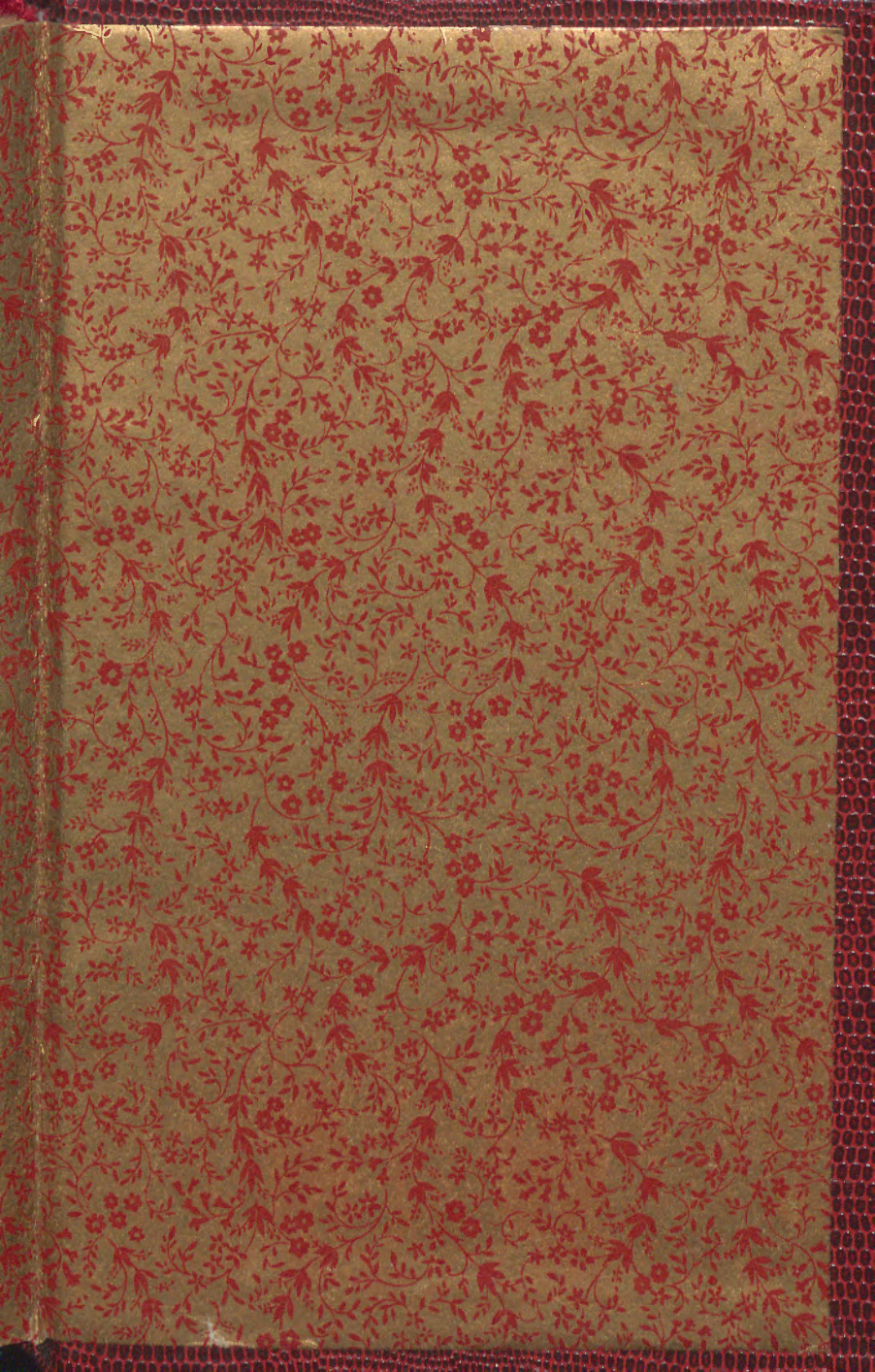














biblioteca  
municipal  
barcelos



3434

Canções d'un bohemio